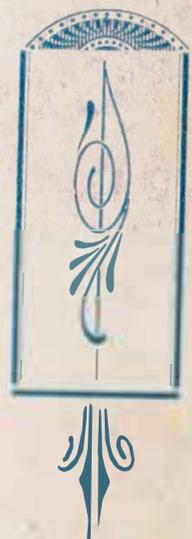


Bibliotheca

FILM



OFFERTA GRATIS
IN PIU' ESCLUSIVA



Anno II

Num. 18



O Phantasma da Opera

com LON CHANEY da Universal Pictures

CINEMATOGRAFOS COMPLETOS

Projectores
Motorinhos
Lampadas de arco
Lampada Parabólica
Lanternas completas
Telas sem costura
Objectivas Pathé e Darlot de
todos os diâmetros
Accessorios em
geral.

Importação directa.
Preços reduzidos
para grande remessa
que acaba de sair
da Alfandega

MATERIAL DE CABINE PATHÉ E GAUMONT

Fça seus pedidos, á
COMPANHIA BRASIL CINEMATOGRAFICA

Concessionários exclusivos para o Brasil, do
único e LEGÍTIMO material Pathé, conforme contracto com
os seus fabricantes, ETABLISSEMENTS CONTINSOUZA (Antigos
Estabelecimentos PATHE'), PARIS
Avenida Rio Branco, 137, sobrado — Rio de Janeiro
São Paulo
Rua Triunfo n. 30
Ribeirão Preto
Rua Americo Brasilien-e, 83

Porto Alegre
Rua dos Andradas, 151

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

CONFIANÇA

FUNDADA EM 1872

RUA S. PEDRO, 33 — sobrado

Capital integralizado 1.000:000\$000
Deposito no thesouro 200:000\$000
Reserva 633:291\$000 — 16.000 apolices da vida Publica

DIRECTORIA : Comm. José Antonio da Silva, Dr.
João Pedreira do Couto Ferraz, Dr. Manoel
Orlando Ferreira

J. Dantas & C.

R. General Caldwell, 67 — Tel. 672

RIO DE JANEIRO

Fabrica de Vinagres, Licoras e Xaropes

IMPORTAÇÃO DOS MELHORES VI-
NHOS PORTUGUEZES E RIO GRANDE

A Casa mais afamada no genero

A SANITARIA

AMARAES PIMENTEL & C.

Rua da Carioca, 45

Rio de Janeiro

Tel. Central 321

Endereço Telegraphico Sanitaria-Rio

Tem o maior e mais completo sortimento de ladrilhos, azulejos, filtros,
aquecedores a gaz e alcool, aparelhos de electricidade; e executa
qualquer trabalho em marmores.



FOGÕES A GAZ ALLEMÃES



F. MARINHO

Commissões, Consignações e
Conta Propria

81, RUA DE S. PEDRO, 81

RIO DE JANEIRO

A LUNETTA DE OURO

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums,
oculos, pince-nez, binocolos, optica
e livros religiosos

OFFICINA DE ESCULPTURA — Encarnação e con-
certos de imagens, batinas e vestes
sacerdotaes

Balsemão & Cia.

84, RUA DE S. JOSÉ, 84

Telephone Central 4621
End Teleg. "AURELIO"

Caixa Postal 1.598
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA



FILM

(TITULO REGISTRADO)

*Revis'ã de grandes enredos dos
films a se exhibir no Brasil*

15 DE ABRIL DE 1926

NUMERO 18

RIO DE JANEIRO

II ANNO

PREÇOS

AVULSO

No Rio... \$800
Nos Estados \$900

ASSIGNATURAS

Série de 24 numeros

No Rio. 21\$000
Nos Estados 24\$000

*A' venda em todos os pontos de venda de jornaes e nos
cinemas onde se exhibe o film*

Redacção e —
Administração:

Avenida Rio Branco, 134-2º.-Rio de Janeiro

TEL. C. 1099

Propriedade da Empresa Graphica Brasileira

O Phantasma

da

Opera

Super-produção da Universal Pictures

Adaptada do famoso romance de Gastão Leroux

INTERPRETES

Erik, o Phantasma..... Lon Chaney

Christina Daaé..... Mary Philbin

Raul, Visconde de Chagny. Norman Kerry

O Persa..... Edmond Carew

Buquet..... Bernard Liejel

A Sorelli..... Olive Alcorni

O Phantasma da Opera

(Da Universal Pictures)

I

Realisava-se n'aquella noite, na sumptuosa Opera de Paris, o ultimo espectáculo dos Srs. Debienne e Poligny, que se tinham demittido do logar de directores do primeiro theatro francez de canto. Devia, após o espectáculo, realisar-se, no "foyer" do magestoso palacio de arte, uma festa de despedida, em que, entre outras cousas, fallaria a primeira bailarina, a formosa Sorelli. No seu camarim, d'uma ornamentação modesta mas elegante, a filha de Terpsycore, repassava o pequeno discurso que devia d'ahi a pouco pronunciar, quando um grupo saltitante e formoso de pequenas do corpo de baile lhe entrou a tremer pelo camarim, n'uma fuga de entontecer.

— O que foi?! — perguntou Sorelli assustada.

E toças responderam a um tempo, apavoradas:

— O Phantasma!... Vimos o Phantasma!...

Sorelli estremeceu. Ella não dava muita fé a essa velha lenda do phantasma da Opera, que o chefe dos machinistas Joseph Busquet, affirmava ter visto deslisar furtivamente, pelos corredores da Opera que levavam ao subterraneo. Agora, porém, as suas companheiras affirmavam tê-lo visto e faziam d'elle uma descripção horrivel, embora não concorde com o que d'elle dizia o apavorado machinista.

— Mas como é esse Phantasma? — perguntou Sorelli.

E ora uma, ora outra, as bailarinas foram fazendo a descripção d'essa horrivel figura que as tinha alli, tocadas de pavor. Era um esqueleto que vestia uma casaca, e tinha sobre os hombros todo o "facies" horreroso de uma caveira, com dois

carbunculos vivos nas orbitas profundas. A casaca bamboleava como se cobrisse apenas a ossatura e ao passar deslisava com a rapidez de uma sombra.

E tomadas cada vez de mais medo, as bailarinas fecharam á chave a porta do camarim de Sorelli, ficando lá dentro apertadas umas contra as outras, como para ganharem coragem. Tudo quanto se dizia da estranha apparição se recordou: a descripção de Busquet, a do bombeiro, o facto de se asseverar que fôra o phantasma, com as suas impertinencias, que forçara os directores a demittirem-se. Quando a conversação teve um instante de repouso, um leve som de passos no corredor junto á porta do camarim poz calafrios n'aquelles corpos jovens. "Quem será?!" Aquelle ponto do monumental edificio era muito isolado e raro passava alguem por aquelles corredores, durante as horas de espectáculo, que não fossem as proprias bailarinas. "Quem será?!" Sorelli, que era corajosa, pegou d'um pequeno stylete que tinha na mesa da "coiffeuse" e abriu a porta. Não havia viva alma no longo corredor, que um bico de gaz illuminava parcamente d'uma luz tremula e amarellada. As bailarinas, quando a Sorelli abriu a porta, recuaram medrosas para o fundo do camarim. Sorelli, examinado o corredor, vltou, dizendo: "Ninguem".

Entretanto, as bailarinas da Opera não se sentiam animadas a seguir de novo pelo corredor tão mal illuminado. A conversação recomeçou. Referiu-se então, entre outros pavorosos acontecimentos, que o Phantasma da Opera tinha um camarote privativo, que elle exigira sempre, com ameaças, dos directores. Era o ca-

marote n. 5. Tinha-se a certeza de que todas as noites de espectáculo o camarote estava occupado; e, no entanto, não se via lá ninguém. Estas e outras cousas augmentavam o pavor das bailarinas, quando de repente um homem entrou apavorado no camarim, mal podendo fallar:

— Busquet... o chefe dos machinistas... appareceu enforcado nas cordas do urdimento!

Foi então o cumulo do pavor. Todas attribuiram o suicidio do pacato mestre de machinas a uma vingança do phantasma, pelas revelações que d'elle fizera Busquet. A ideia de que a ellas poderia succeder o mesmo fel-as chorar, tremendo com a vingança que as suas palavras podessem suggerir á terrivel sombra que apavorava a Opera de Paris.

E entretanto, ao tempo em que estas cousas se passavam lá no alto, bem perto da cupula monumental, cá em baixo no palco, e na sala de ouro e velludo, o espectáculo decorria animado, sensacional. Um acontecimento viera despertar a curiosidade do publico, que enchia litteralmente o theatro. A soprano Carlotta, que alli arrastára uma multidão de admiradores, adoeçera á ultima hora. Um aviso collocado no atrio tinha posto toda a gente ao corrente do lamentavel acontecimento, trazendo uma nota triste á festa dedicada aos directores demissionarios. N'esse aviso se declarava que Carlotta seria substituída pela Christina Daaé, um nome quasi desconhecido, que não inspirava nenhuma confiança, pois que até então se não fizera notar por nenhum successo da sua voz.

Quando a figura delicada, formosa, mas quasi infantil de Christina Daaé entrou no palco e começou a cantar, a sala conservou-se d'uma frieza siberiana, senão de clara hostilidade. Parecia-lhe um sacrilegio entregar a uma cantora principiante a parte difficil e de prova de Margarida do "Fausto". Mas pouco e pouco, ao passo que a sua voz, que parecia sahida da garganta d'um anjo, foi dizendo todos os sonhos da apaixonada de Fausto, o publico, entre entusiasmado e surpreso, ia aquecendo e o final do acto foi um côro de applausos, como ha muito tempo se não escutava na sala da Opera. E ouviavam-se, a par de calorosos elogios a Christina, asperas censuras aos directores demissio-

narios que só á ultima hora, ao apagar das luses da sua gerencia, tinham dado ao publico "habitué" da Opera o extraordinario praser de lhe deixar escutar aquella voz divina.

Entre o publico que applaudia, com desusado calor a inspirada cantora, alguém havia mais febrilmente entusiasmado do que ninguém: era o joven visconde Raul de Chagny, que, no seu camarote, ao lado do irmão mais velho, Philippe, que sorria dos seus entusiasmados desmedidos, parecia querer voar para o palco para cair aos pés daquella creatura adoravel. O panno descera sobre o acto, e Raul parecia impaciente para ir correr ao encontro de Christina.

— Vamos dar-lhe os parabens. Ella não cantou nunca tão maravilhosamente como esta noite.

O conde Philippe sorriu d'aquella expansão do irmão, tão propria da sua idade, e ia acceder ao seu desejo de apaixonado, quando viu Raul erguer-se pallido e tremulo:

— Vamos. Ella parece que vae desmaiar!

— Primeiro desmaiarás tu, meu irmão.

Raul tinha razão. Christina Daaé, deante do calor dos applausos publicos, e como se tivesse empregado um esforço sobrehumano em cantar d'aquella fórma sublime, teve de ser amparada pelos seus companheiros de scena. Faltavam-lhe por completo as forças. E foi tão clara essa manifestação de fraqueza que Raul sentiu-se morrer de receio e pesar.

— Vamos... vamos... — disse o conde.

Raul de Chagny parecia voar em direcção ao palco, atropelando quem encontrava no seu caminho e dando ao irmão um trabalho penoso em acompanhá-lo de perto. Quando chegaram á porta do camarim de Christina já ella estava entregue aos cuidados do medico de serviço. No apertado camarim havia uma multidão de casacas, subitos admiradores da grande diva, que na vespera ainda mal a conheciam.

O mesmo não acontecia a Raul que era seu velho conhecimento de infancia. Ha alguns annos atraz se desenrolára entre elles um pequeno romance de amor, de que Raul conservava uma doce recorda-

ção. Afastando quantos cercavam a formosa "diva", collocou-se a seu lado, com uma intimidade que espantou a camareira de Christina, que nunca por alli vira aquella cara. O medico, suppondo-o amigo particular da cantora, nada objectou, concordando com elle, quando lhe propoz:

— Doutor, não seria conveniente que as pessoas presentes se retirassem, pois que, com todo este mundo aqui dentro, ella nem respirar pôde?

O medico concordou com a proposta. O convite foi feito e aquelles encasacados "habitués" da Opera foram sahindo do camarim, uns de mau humor, outros sorrindo maliciosamente. No camarim ficaram apenas, Christina, ainda desmaiada, o medico, Raul e a camareira. Passados alguns breves instantes, e pelos esforços do medico, Christina recuperou os sentidos. Ao vêr Raul a seu lado, teve um leve estremecimento, que ninguém notou. Depois deu ao rosto uma expressão de espanto, como se extranhasse alli a presença de um desconhecido. E perguntou:

— Quem é o Sr. ?

Raul entre espantado e triste, respondeu:

— Não me reconhece?... Não se recorda que brincámos juntos, quando eramos creanças?

Christina, obstinada em não se recordar, com desespero do apaixonado moço, acabou olhando para o medico e soltando uma gargalhada que feriu fundo o coração de Raul. Com a voz velada pela emoção, Raul respondeu:

— Visto que não me reconhece, desejava, pelo menos, dizer-lhe duas palavras a sós.

— O Sr. foi muito gentil. Não tenho duvida em o ouvir, mas quando me sentir melhor. Agora peço-lhes que me deixem só.

Raul obedeceu, convencido de que aquillo era um pretexto, um meio de ficar só no camarim para lhe fallar. Esperou no corredor que todos sahissem. Saiu o medico primeiro; pouco depois a camareira. Não havia no camarim ninguém mais, além de Christina. Raul, por um requinte de delicadesa, esperou ainda algum tempo, antes de penetrar de novo no camarim. O coração batia-lhe sobressaltado dentro do peito. Após alguns minutos de

espera, dirigiu-se para a porta do camarim e ia para tocar, quando de dentro lhe veiu o som claro, nitido, de duas vözes, uma das quaes era, evidentemente, voz de homem. Empallideceu, apoiou-se á parede para não cair; e, em seguida, aproximou o ouvido da fechadura e escutou. E o que escutou causou-lhe, no momento, o maior desespero. O homem, quem quer que elle fôsse, era um rival. Da sua bocca saíam protestos de amor.

— Christina — dizia a forte voz de homem — preciso do teu amor. Não pôsso viver sem elle. Se me não amas morrerêi.

— Por que me falla assim? — observava Christina, n'uma voz timida e receosa. Por que me falla assim, quando sabe que só em si penso, que foi para si que eu cantei esta noite?...

— A tua gloria e o teu amor são os meus unicos sonhos e razões de viver.

E accrescentou, passado algum tempo.

— Está muito cansada?

— Sim, estou fatigadissima. Puz esta noite toda a minha alma no canto. Mal posso estar de pé.

— Que encantadora alma a sua, minha filha! Como a musica na sua garganta parece voz de anjos. Até elles devem ter chorado esta noite.

Mais alguns protestos de amor e de repente fez-se no camarim um grande silencio. Resoavam os passos de Christina. A porta do camarim abriu-se. Raul afastou-se apressadamente para um ponto escuro do corredor. Christina, saindo do camarim, seguiu apressadamente em direcção á rua. "N'esse caso, o homem ficára lá dentro?" — pensou Raul. Rapido, impelliu a porta e entrou. O camarim estava immerso na mais profunda escuridão. Com o sangue affluindo ao coração, o destemido moço exclamou:

— Está aqui dentro um homem! Quem é e por que se esconde?

Ninguém respondeu. Rapido, Raul riscou um phosphoro, que projectou uma luz dubia em todo o pequeno aposento. Com grande espanto de Raul, lá dentro não havia ninguém.

II

Após essa noite de triumpho e de emoções, Christina desapareceu. Ninguém a



4159-10

Era um esqueleto que vestia uma casaca

vira mais na Opera e raras vezes em concertos particulares a sua voz divina se fizera escutar. Parecia que a formosa "diva" ganhára horror áquella casa de arte onde conquistára a maior victoria da sua curta carreira artistica. Raul procurava-a febrilmente por toda a parte e suppondo que os novos directores da Opera eram hostis á mulher que elle amava apaixonadamente, empenhou-se junto d'elles para que Christina fôsse de novo chamada a cantar. Christina soube do empenho do seu amigo de infancia, recusou acceitar o convite dos novos directores e agradeceu a Raul o seu interesse. Raul, anciando falar-lhe, dizer-lhe o quanto a amava, pediu-lhe permissão para a visitar em sua casa, ao que ella não accedeu. Dias depois enviou-lhe a seguinte carta:

"Presado Sr. Eu não esqueci ainda aquelle rapasinho que um dia, com perigo da sua vida, foi buscar ao oceano uma "echarpe" que lá me cahira. E a prova de que me não esqueci é que lhe escrevo hoje, participando a minha partida para Perros onde me leva um dever sagrado. E' amanhã o anniversario da morte de meu infeliz papá, que o Sr. conheceu e que tanto lhe queria. Está alli enterrado, com o seu violino, no cemiterio que cerca a pequenina igreja, junto da collina onde, nós, em pequeninos, tanto brincámos; junto do caminho onde, em pouco mais crescidos, nos vimos, eu e o Sr., pela ultima vez. C."

Apenas de posse d'esta carta, Raul de Chagny preparou-se e partiu tambem para Perros, no encalço da sua deusa. Hesprou-se no mesmo hotel. Quando alli chegou, aguardava-o o sorriso confiante de Christina que não demonstrava nenhuma surpresa com a sua presença.

— Dir-se-ha que contava que eu viesse atrás de si.

— Eu sabia que o Sr. viria. Alguem m'o disse esta manhã, na igreja.

— Quem?!...

— Ora, quem havia de sêr?... Meu pae, que alli perto está enterrado.

A resposta deixou Raul perplexo. Não sabia se aquillo era uma mystificação ou se a pobre pequena estaria sob o dominio d'uma crise de nervos que lhe produzisse allucinações. Em todo o caso, achou mais prudente não insistir, não aprofundar. Como resposta, perguntou apenas:

— E seu pae ter-lhe-hia dito que a

amo, que a sua imagem me acompanha por toda a parte, que não me é mais possível viver sem este amor?...

Christina não respondeu, mas o seu rosto purpurejou-se e o coração bateu-lhe mais apressado.

Raul de Chagny insistiu e Christina só soube responder-lhe n'uma voz emocionada:

— Não foi para que me fallasse d'essas cousas que lhe communiquei a minha vinda para aqui. Quem sabe se não andei mal em lhe escrever!

— Não, não andou. Nós precisavamos encontrarmo-nos fôsse onde fôsse, pois eu preciso explicações de certos factos para mim bem mysteriosos.

— Que explicações?... que factos?... — interrogou anciosa Christina.

— Diga-me: por que fez que me não conhecia n'aquella noite no seu camarim, a' quando do seu desmaio?

Christina, enleada por aquella pergunta, a que não sabia que responder, calou-se.

— Não me responde? — continuou Raul. Pois responderei eu. E' que lá dentro do seu camarim havia mais alguém, havia um homem, que ficou a sós consigo, apenas o medico e a camareira se retiraram. Foi esse homem que lhe prohibiu reconhecer-me.

— O Sr. está illudido. Dentro do meu camarim não havia ninguem.

— Como não havia se lhe ouvi claramente dizer-lhe: "Christina, preciso do teu amor".

Ao ouvir estas palavras, Christina empallideceu e esteve prestes a desmaiar. Raul amparou-a.

— Que tem? por que treme?...

Christina, reanimando-se, perguntou, anciosamente, a Raul:

— Que ouviu mais? Diga, diga, tudo quanto ouviu.

A excitação nervosa em que a cantora ficára, com esta revelação de Raul de Chagny, deixou o joven apaixonado espantado. Não podia sêr o facto de elle descobrir um segredo de amor; porque essa excitação era mais de medo do que de despeito. Raul, satisfazendo a vontade de Christina, revelou-lhe tudo quanto ouvira, e a timida moça ouviu repetir, com alvoroço, quantas phrases lhe tinham sido dirigidas, n'aquella noite, no camarim.

Depois, tomada d'um subltio pavor, sem pronunciar uma palavra, fugiu de junto de Raul, que ficou boquiaberto, vendo-a desaparecer assim subitamente, sem sequer lhe dizer adeus.

Entretanto, em Paris estavam-se passando desde ha dias cousas bem singulares. Os novos directores da Opera não se sentiam dispostos a permittir a continuação desse gracejo da lenda do Phantasma da Opera. Cerrando os ouvidos a quantas declarações n'esse sentido lhes tinham sido feitas pelos antigos directores; não querendo escutar as lendas mais inverosimeis que corriam por toda a parte; explicando o mais logicamente que lhes era possível os factos concretos que vinham ao seu conhecimento, e que toda a gente attribuia ao mysterioso phantasma; tinham dado ordem para que ninguem se lhes dirigisse tratando semelhante assumpto, que lhe roubava tempo e trabalho, de que precisavam para levantarem o nivel artistico da Opera de Paris, tão decaído nos ultimos tempos.

Foi n'esta disposição de espirito que um dia elles receberam, cada um de per si, a seguinte carta:

“Caro Sr. gerente. Peço-lhe que me desculpe importunal-o nas horas em que costuma estar tão atarefado com trabalho. Tenho a recommendar-lhe que não torne a dispôr do meu camarote. Desejo ouvir Christina outra vez esta noite, embora me conste que, devido aos ciumes de Carlota, ella não fará o papel de protagonista. Communico-lhe que considero o ter disposto do meu camarote como uma offensa; e, se quizer viver em paz, é bom que este facto não se repita. — (a.) O Phantasma da Opera.”

Richard e Houcharmin riram despreocupadamente da carta singular, cuja auctoria attribuiam aos seus antecessores. Por fim, reflectindo um pouco, acharam uma impertinencia intoleravel aquelle gracejo dos seus ex-collegas, naturalmente enciumados com a acção inergica que elles estavam exercendo na casa da Opera.

— Talvez pretendam que lhes enviemos o camarote — opinou Richard.

— Pois façamos-lhe a ventade.

E o camarote exigido pelo Phantasma da Opera foi enviado aos antigos directores. No dia seguinte, porém, com grande expanto de Richard e Moucharmin, o camarote foi-lhes devolvido, com o seguinte bilhete:

“Caros senhores. Ficamos muito pe-

nhorados pela sua gentil lembrança, mas devem comprehender que não nos assiste o direito de occuparmos o camarote que pertence áquelle de quem lhes fallámos.”

Richard ficou sériamente contrariado porque no seu espirito não havia tanta indifferença pelos factos, como no do seu collega. Concertaram, entretanto, não se sujeitarem a insinuações de ninguem e, n'aquella noite, o camarote exigido pelo “Phantasma da Opera” foi vendido.

Em Perros, durante o dia em que, tão precipitadamente Christina fugira de junto de si, encerrando-se no seu quarto do hotel, Raul de Chagny passou o dia sósinho. Depois, quasi ao cair da tarde, saiu a esparecer. Os seus passos foram-se dirigindo insensivelmente para o cemiterio. Subiu lentamente a collina, e do alto ficou a admirar a vastidão oceanica, quando uma voz se ouviu que o fez estremecer. Era Christina. Antes que Raul começasse de novo com as suas inquietantes perguntas, Christina, sentando-se a seu lado, dispoz-se a explicar-lhe, como podesse, o mysterio de que estava sendo rodeada a sua vida.

— Raul, resolvi contar-lhe o que se está passando, para que mais não subsistam as suas duvidas. Recorda-se de meu pae me fallar muitas vezes, e na sua presença, do Anjo da Musica?

— Perfeitamente. E lembra-me tambem ter ouvido dizer a seu pae, muitas vezes, que depois da sua morte, o Anjo da Musica lhe viria fazer uma visita.

— Pois bem. Foi o Anjo da Musica que o meu amigo teve occasião de ouvir fallar no meu camarim. Diariamente alli recebo as suas visitas e a elle devo, pelos seus ensinamentos e pela sua inspiração, o triumpho que obtive n'aquella noite memoravel. Eu pensava, comtudo, que só a mim era dado ouvi-lo; comprehende agora a impressão que me causou o saber que tambem Raul lhe escutára a voz.

Raul não parecia disposto a acreditar nas palavras da sua amada Christina. Uma sombra de duvida lhe pairava no olhar o que indignou a sua adorada cantora.

— Mas eu estou fallando-lhe a verdade!

E Raul observou, com um sorriso ironico:

— Recibo que esteja sendo victima de uma illusão, Christina.

A indignação voltou de novo a brillar no olhar da “diva”, que de novo tambem se ia afastar apressadamente de Raul.

Este quiz detê-la, mas Christina, n'um grande esforço, apartou-se dos seus braços, dizendo, a chorar: "Deixa-me! deixa-me!".

Quando, quasi já á noite, Raul voltou ao hotel, Christina não lhe appareceu. Teve de jantar sósinho. Umás duas horas depois, vendo que ella não apparecia, recolheu-se ao seu quarto e preparou-se para dormir. Mas não encontrava fórma de conciliar o somno. Do quarto de Christina, que era junto do seu, não vinha o menor ruido. Como não podesse dormir, Raul recorreu á leitura. Por volta das onze e meia, um ruido, a principio pouco perceptivel, depois bem nitido, chamou a sua attenção. Alguma cousa de anormal se estava passando áquella hora com Christina. Raul vestiu-se e esperou. D'ahi a pouco sentiu claramente abrir-se a porta do quarto de Christina, depois do que ouviu passos na escada. Raul abriu immediatamente a porta do seu quarto, e pôde vêr ainda Christina dirigindo-se para a sahida do hotel. Para que ella o não visse, voltou Raul ao quarto e pulou da janella para uma arvore, que estava perto, e desceu para a rua. Depois, occultando-se quanto pôde, começou a seguir os passos de Christina, sem sêr presentido.

Dentro em pouco comprehendeu que ella se dirigia para o cemiterio. Ao chegar junto do tumulo de seu pae, Christina ajoelhou e orou. Soavain n'esse momento as doze badaladas da meia noite. Ao soar a ultima, Christina ergueu os braços para o ceu e ficou assim como em extase. N'esse instante, Raul que, apesar de corajoso, sentia o nervosismo provocado por aquelle logar e por aquella hora, começou a escutar uma musica suavissima, doce, encantadora, que parecia vir do além. Era o som terno d'um violino, tocado como elle nunca ouvira tocado por ninguem. Lembrou-se então do que Christina lhe contára sobre o Anjo da Musica. Applicando melhor o ouvido, Raul pôde constatar que o som parecia vir detrás de um monticulo de ossadas, que se encontravam a um canto do cemiterio. Quando a musica cessou, Raul, ousadamente, aproximou-se das ossadas, e n'esse momento algumas caveiras rolaram e vieram parar junto dos seus pés. N'esse momento, uma sombra deslisou pela parede da igreja do cemiterio. Raul lançou-se em sua perse-

guição e agarrou o vulto pela aba do casaco. A figura voltou-se para elle e Raul recuou de horror. O rosto era uma caveira em que as orbitas oculares luziam. Raul, perdido o primeiro medo, atirou-se contra o vulto, que lhe fugiu, penetrando na igreja cuja porta estava fechada, e de balde Raul alli bateu por algum tempo.

No dia seguinte, Raul só deu acôrdo de si na cama do seu quarto de hotel. Tinham-n'o trazido do cemiterio com os sentidos perdidos.

III

Tinham passado alguns dias. No sabbado d'aquella mesma semana, quando os gerentes da Opera chegaram aos seus escriptorios, encontraram, escripta a tinta encarnada, uma nova carta do Phantasma da Opera, que dizia:

"Caros Srs gerentes. Parece que os Srs. querem a guerra. Se ainda pensarem em a evitar, terão que se sujeitar ás seguintes condições: 1ª, restituir-me immediatamente o meu camarote; 2ª, determinarem que seja Christina Daaé quem esta noite interprete o papel de Margarida. Não lhes dê cuidado Carlota. Esta estará bastante adoentada para não sentir necessidade de sêr substituida. Se quiserem evitar uma desgraça horrivel, é preciso que cumpram as minhas condições. Convém que se não descuidem dos meus conselhos, para que não tenham de se arrepender. P. O."

A irritação dos gerentes da Opera de Paris foi ao auge. Chegaram a pensar em levar o caso ao conhecimento da policia, porque, na sua opinião, tratava-se apenas d'um caso de "chantage", pois o individuo que se occultava sob o nome de Phantasma da Opera já chegára habilmente a fazer-lhes imposições de dinheiro. Mas como mil outras preoccupações os tomavam n'aquelle dia, resolveram deixar as resoluções a tomar para mais tarde. Em todo o caso, para demonstrarem ao esperto que o não temiam, resolveram elles mesmos occupar o camarote de que o Phantasma fazia exigencia.

N'esse mesmo dia, pela manhã, Carlota, ainda recolhida ao leito, recebia tambem um pequeno bilhete, a tinta encarnada, em que se lhe dizia: "Se insistir em cantar esta noite, acontecer-lhe-ha uma grande e horrivel desgraça." Carlota, a

principio ficou inquieta. Supersticiosa como todos os artistas, achou aquelle bilhete de mau agouro. Mas reflectindo um pouco, convenceu-se de que aquelle aviso devia ser um estratagemã de Christina e dos seus amigos para lhe roubarem a gloria que n'aquella noite a esperava. Resolveu por isso apresentar-se no theatro, custasse o que custasse, dêsse o que se dêsse. Pouco depois, o secretario do Sr. Ri-

E durante todo o dia passou o tempo a dirigir bilhetinhos aos seus amigos e admiradores, prevenindo-os da cabala que os apaixonados de Christina lhes estavam preparando para essa noite. Mas, às cinco horas da tarde, um novo bilhete veio às suas mãos, escripto n'essa mesma macabra tinta encarnada, e em que lhe diziam: "A senhora hoje está muito resfriada. Deve comprehender que será uma loucura ten-



Christina commoveu-se com a desgraça de Erik

chard apresentou-se em sua casa, a inquirir do seu estado de saude. Carlota mandou dizer aos gerentes da Opera que a sua saude era a melhor possivel; mas que, ainda mesmo que estivesse às portas da morte, se apresentaria à noite, no theatro, para cantar.

tar cantar esta noite." Desta vez, Carlota chegou a achar graça. Riu a bom rir e tentou algumas notas isoladas, que saíram limpidas. Estava em plena voz. A noite seria uma noite de triumpho. Os seus amigos a defenderiam dos apaixonados da sua rival.

Muito, antes de subir o panno, já o theatro estava repleto. Nem um só dos admiradores da grande "diva" faltára ao seu appello. Alli estavam todos, firmes para combaterem qualquer desacato feito ao seu idolo. Um caso excepcional chamava a attenção de muita gente. O camarote n. 5 estava occupado pelos dois gerentes da Opera. Deste modo queriam demonstrar o seu desprezo pelas lendas, que elles consideravam estupidas.

Subiu o panno para o primeiro acto. Toda a representação decorreu brilhante. Carlota parecia estar n'uma das suas noites mais felizes. No camarote do Phantasma da Opera, os gerentes sorriam-se e faziam "blagues". O Sr. Moncharmin dizia: "O numero um passou sem novidade." Ao que o Sr. Richard accrescentou: "O Phantasma está atrasado e para uma casa a quem elle rogou uma praga, não está de nada má." — Veiu depois o segundo acto. E tudo correu normalmente, recebendo Carlota calorosas ovações. No terceiro acto tinham desaparecido, para ella e para os seus admiradores, as preocupações anteriores. Carlota, na "aria" das joias, foi insuperavel. Parecia que o monumental palacio da arte estremecia com o estrepito das ovações. Carlota, em plena posse da sua individualidade artistica, cantou perfeitamente á vontade.

Mas eis que, de repente, todas as pessoas se olharam espantadas. Da garganta de Carlota, uma, duas vezes, saíram umas notas que não tinham nada de musicas. Era como o coaxar de uma rã, um som irritante, agudo. A propria artista não sabia como aquillo fôra, como a sua garganta a atraçoára daquella maneira. E d'alli em deante o seu canto foi mediocre, arrastado, hesitante. Os seus proprios admiradores se restringiram nos applausos e a representação ia decorrendo friamente.

No camarote n. 5, os gerentes já não riam nem faziam "blagues". N'aquelle fiasco de Carlota estavam reconhecendo, no seu intimo, a mão do Phantasma, embora não se atravessem a confessa-lo em viva voz. Sentiam que perto, bem junto, elle se devia encontrar, porque escutavam nitidamente umas gargalhadas abafadas. Quizeram fugir, mas o medo embaraçou-os. De repente, interrompendo o canto de Carlota, uma voz resoou por toda a ampla sala, dizendo, em ar de mofa: "O canto

desta mulher vae fazer cair o lustre." A voz foi tão nitida que todos, artistas e espectadores, ergueram os olhos para o lustre central do salão, um lustre enorme, collossal, mole immensa de crystal e ferro. E cousa estupenda! Como obedecendo á voz, o lustre começou a oscilar, a voltear por sobre as cabeças dos espectadores, que procuravam fugir áquelle tremendo perigo, correndo tumultuariamente. Dezenas de pessoas ficaram atropelladas; mas algumas dezenas tambem não tiveram tempo de fugir e o lustre, vindo do alto despedaçar-se em plena sala, matou-as. Foi uma catastrophe tremenda, que deixou os gerentes da Opera semi-loucos. Fugiram do camarote fatidico, conscios de que tinham sido os causadores d'aquella desgraça. Aos seus ouvidos resoavam satanicas as gargalhadas do Phantasma da Opera.

Durante alguns dias, após essa noite sinistra, Christina não appareceu na Opera. Como todas as cousas esquecem n'este mundo, o desastre do lustre e o fiasco de Carlota saíram das conversas diarias. Approximava-se o carnaval e approximavam-se os famosos bailes á phantasia da Opera, que eram o orgulho do Paris artistico e bohemio. Já o mundo que se diverte preparava as suas fantasias mais originaes para o grande divertimento; só Raul não se sentia muito animado porque o desaparecimento de Christina lhe estava causando impressão. Na vespera do baile, chegou-lhe, finalmente, uma noticia da sua amada. Era um bilhete em que ella dizia: "Meu bem. Compareça ao baile de phantasia da Opera. Vista um dominó branco, mas que ninguem saiba. Christina."

Obediente ás ordens da sua adorada cantora, Raul mandou confeccionar um dominó de sêda branca e na noite do baile entrou o grande portico da Opera. A escadaria de ouro e marmore estava em um dos seus dias mais estonteantes. Milhares de fantasias luxuosas e artisticas se agitavam em todos os sentidos, n'uma algazarra infernal, de quando em quando cortada por um dito de espirito, d'esse fino espirito parisiense que não tem equal no mundo. Os bicos de gaz enchiam de um clarão dourado todo aquelle mundo semi-louco pelo estonteamento da alegria, andando no ar um perfume inebriante e embriagador. Mulheres formosissimas, seminuas, por detrás de cujos "loups" brilha-

vam olhos de fogo, negros e perturbadores, arrastavam após os seus encantos os homens. Era um verdadeiro pandemonio, uma vertigem.

Quando Raul alli chegou, a escadaria e o salão regoigitavam. Foi a custo que elle poudo romper aquella massa compacta de mascarados, e procurar encontrar-se com Christina. Passados alguns minutos, como nada visse e se sentisse fatigado, foi encostar-se a uma das columnas do monumental edificio. Christina, passando alli, por onde passava toda a gente, reconhece-lo-hia. E assim aconteceu. Depois de Raul esperar algum tempo, pouco, approximou-se-lhe um dominó preto, que lhe apertou a mão. Raul reconheceu immediatamente Christina. O dominó negro collocou dois dedos sobre a bocca como para impôr silencio. Depois afastou-se, e Raul seguiu-a a alguma distancia, sem dizer uma unica palavra.

IV

Quando Raul e o dominó negro, ou melhor Christina, seguiam em direcção ao interior do theatro, aconteceu de se fazer na escadaria um grande tumulto. Toda a gente procurava cercar um mascarado, em verdade original e macabro. Cobria-o uma roupa do seculo XII toda escarlata, um chapéu negro com uma grande pluma rubra e um longo manto, de velludo vermelho tambem, cuja cauda se arrastava vagarosamente pelo marmore da escadaria. Por sobre a capa lia-se uma inscripção, que dizia: "Não me toquem. Eu sou a morte vermelha". Os homens e as mulheres phantasiados, cheios de curiosidade e não isentos de medo, cercavam o extranho personagem que procurava caminhar, o que fazia com certa difficuldade. Um mascarado mais atrevido, chegou a deitar-lhe a mão no manto, mas sentiu immediatamente o braço apertado por uma mão esqueletica, que lh'o deixou dorido. Ao contacto d'essa mão, o fantasiado largou a correr, lançando gritos de desespero e de medo.

Foi n'esta occasião que Raul passou por elle. Dominação pela curiosidade, foi tambem examinar a extranha figura. Ao vêr-lhe a caveira, semi-oculta pelo largo chapéu de grandes abas, não se conteve que não exclamasse:

— Mas é a caveira da sombra que eu vi em Perros! Reconheço-a perfeitamente!

E ia Raul approximar-se-lhe e, certamente, deitar-lhe a mão, quando Christina, que estava attenta ao que se passava, o arrastou para longe do logar por onde seguia a Morte Vermelha. Raul ainda quiz reagir, mas o dominó negro foi energico e decidido. Raul não teve remedio senão acompanhá-lo. Subiram dois andares. A essa altura do edificio havia pouca gente. Podia-se dizer abandonado o theatro n'aquella direcção. Ao chegarem a um corredor, o dominó negro abriu um camarote reservado e fez signal a Raul para que o seguisse. Raul obedeceu. Entrou no camarote e tirou a mascara. O dominó negro, Christina, conservou a sua. Pouco depois, encostou o ouvido na divisão do camarote e escutou attentamente. Durou esta situação uns tres minutos, até que Christina exclamou com a voz tremula de medo:

— Elle vem subindo de novo.

E tomada de um intenso pavor, Christina correu apressadamente a fechar a porta do camarote. Os passos soavam cada vez mais perto. Raul procurou impedir que Christina fechasse a porta. Elle vislumbrava na escadaria uns sapatos vermelhos, cujo dono queria conhecer por força.

— E' elle! — exclamou. Desta vez não me escapa.

Mas tanto luctou Christina que conseguiu fechar o camarote antes que a sinistra figura se approximasse da porta. Cerrando o camarote com violencia, disse para Raul, toda pallida e fatigada do esforço feito:

— Em nome do nosso amôr, não transponha esta porta.

Raul attonito com aquelle decidido esforço que a sua amada empregára para realisar os seus intentos, perguntou-lhe:

— Mas afinal que vem a ser todo este mysterio, toda esta historia do Anjo da Musica? Supponho que a minha adorada Christina está sendo victima d'alguma illusão, d'algum mystificador. Explique-me que farça é esta.

— Não é uma farça, meu amôr, é uma tragedia.

— Então explique-se, por favor, Christina,

Christina, sem responder, chorou. Depois, passados alguns instantes, abrindo a porta do camarote, pois já não se ouviam passos de ninguém, declarou a Raul:

— Foi precisamente para lhe contar tudo que aqui o trouxe. Mas reconheço que n'este momento é perigoso fazê-lo. Algum dia o saberá. Agora não posso demorar-me nem mais um instante.

E sem dar tempo a Raul de lhe impedir os passos, Christina saiu e desapareceu no corredor. Elle seguiu-a com os olhos até perde-la de vista. Cheio de indignação contra a figura sinistra da Morte Vermelha, a quem elle attribuia toda a responsabilidade do que se estava passando, percorreu o caminho por onde ella devia ter seguido, sem a poder encontrar. N'aquella sua peregrinação através os meandros do theatro da Opera, Raul foi ter aos bastidores, e d'alli, que era bem perto, á porta do camarim de Christina. Bateu. Havia luz dentro. Alguem lá devia estar. Talvez Christina mesmo. Mas como ninguém respondesse, impelliu a porta. O camarim estava abandonado. Que significava então aquella luz acêsa?

Mas, n'esse instante, perto da porta soaram passos apressados, que se dirigiam evidentemente ao camarim. Elle escondeu-se atrás de um reposteiro e pouco depois alguém entrou. Era Christina. Vinha evidentemente fatigada, porque se sentou e tirou a mascara, respirando com força, como após um grande esforço. Depois, num brando suspiro, ouviu-se a phrase: "Coitado de Erik!".

Erik?! Quem era Erik?! E Raul tinha a impressão de que ia definitivamente desvendar o segredo, escutar revelações que lhe dariam a chave do mysterio. Realmente, alguma cousa elle ia ouvir de extranho e inverosimil, mas que serviria para mais embarçar no seu espirito a comprehensão de tão emaranhado caso. Procurando, do seu esconderijo, ouvir alguma palavra que melhor o ilucidasse, applicando toda a sua attenção, começou a escutar uma suave melodia vinda de longe, e cujo som cada vez mais parecia approximar-se, não se comprehendia por onde, do recinto em que se encontrava. Era uma voz de homem, mas de uma suavidade, de uma doçura angelical, entoando uma musica em que havia como que as queixas doloridas de um coração apai-

xonado, sem revolta, semelhante ao deslizar da agua de um suave regato. A voz veio approximando-se pouco a pouco das paredes do camarim, chegando por fim bem perto, escutando-se nitidamente cada uma das palavras do cantico. Raul estava como petrificado.

Quando a voz se approximou, Christina ergueu-se do logar em que estava e exclamou:

— Eis-me aqui, Erik. Estou prompta. Mas como demorou!

E caminhando pelo camarim, foi até ao grande espelho, onde se encostou, approximando-se bem da sua propria imagem. Entretanto, o cantico continuava, dizendo suaves expressões de amor, meigas queixas de abandono, doces maguas e doces prantos. Raul, que tudo ouvia do seu esconderijo, chegou a um ponto em que se sentiu revoltado contra aquelle desconhecido que por esta fórma mysteriosa lhe queria roubar o amor da sua adorada Christina. Saiu precipitadamente detrás do reposteiro para arrancar Christina áquelle sortilegio, quando uma mão possante, invisivel, o atirou violentamente contra a parede opposta.

Com grande espanto seu, Christina tinha desaparecido. Como? Para onde? Levada por quem? No camarim estava apenas elle e a porta conservava-se fechada. Veiu-lhe então a ideia de que no espelho é que se encontrava a traição, o mysterio. Pegando n'uma cadeira, desesperado, atirou-a com violencia contra o espelho. A cadeira partiu-se. O espelho ficou intacto. Procurou ainda desvendar o segredo d'alguma porta occulta, d'algum esconderijo mysterioso. Mas tudo foi em vão. Depois de algum tempo, completamente exausto, o cerebro n'uma terrivel confusão, saiu do camarim e foi para casa.

Foi uma noite toda de inquietações, de desesperos. Apenas raiou o dia, Raul ergueu-se do leito e esperou impaciente que chegassem as horas proprias para uma visita que queria fazer a Madame Valerius, dona da pensão onde vivia Christina. Tinha esperanza que esta bondosa senhora, amiga da sua adorada, saberia dizer-lhe alguma cousa que levantasse uma ponta do véo d'este original caso. Mas apenas entrou na sala em que o devia receber Madame Valerius, grande

foi o seu espanto vendo Christina, a selado, com a maior tranquillidade d'este mundo, sorridente e feliz.

— Confesso que é para mim uma grande surpresa vê-la aqui, assim tão serena e calma, depois do que aconteceu hontem á noite. Inquietam-me os perigos que a ameaçam.

Ouvindo aquellas declarações de Raul, Madame Valerius inquiriu inquieta.

— Que quer dizer com isso, Sr. visconde?... Por acaso Christina está correndo algum perigo?

Christina, sorridente, observou:

— Não acredite no que elle está dizendo.

O seu intuito era, evidentemente, fazer calar Raul; este, porém, não estava disposto a esse sacrificio, receoso da desgraça que ameaçava a mulher a quem apaixonadamente amava. Por isso insistiu e insistiu com mais violencia:

— Christina! Precisamos saber quem é esse homem que se quer fazer passar por Anjo da Musica, esse monstro que anda a mystifica-la. Precisamos saber para a livrarmos d'elle, mesmo contra a sua vontade!

Christina, mais para fugir a um interrogatorio que a magoava, pelas recordações, do que pelo desejo de contrariar Raul, respondeu:

— Sr. visconde de Chagny! Isso é uma cousa que o Sr. nunca ha de saber.

— Christina! Olhe que eu estava no seu camarim quando você desapareceu pelo espelho!

Quando tal ouviu, Christina soltou um grito e os seus olhos, cheios de lagrimas, fitaram, aterrorisados, os de Raul:

— Desgraçado! — exclamou. Anda loucamente á procura da morte. Nunca procure desvendar este mysterio, porque a sua vida corre perigo.

— Não sou cobarde. Mas será mesmo tão perigoso assim?

Com a voz velada por um grande sentimento de medo, de terror, Christina exclamou:

— Não existe mysterio mais terrivel sobre a terra!

E depois, n'uma grande ternura, tomou as mãos de Raul e pediu:

— Jure-me que não apparecerá mais no meu camarim sem que eu o mande chamar!

— Quer dizer que algum dia me chamará! Quando virá esse dia venturoso?

— Amanhã.

E no dia seguinte, obedecendo a essa doce ordem, Raul correu á Opera, onde Christina o recebeu sorridente, tranquilla, amavel, como se fosse a creatura mais feliz d'este mundo, e como se a seu redor não andasse aquella sombra má que a perseguia impiedosamente. Trocaram os protestos naturaes entre corações que se querem bem. Fallaram dos seus projectos de futuro e Raul, com o coração alvorçado, propoz-lhe sinceramente:

— Por que não casa commigo?

Christina riu, d'um alacre riso de criança.

— Casar commigo? Nunca tal cousa será possivel. Sobre tal assumpto nem póde haver discussão.

E accrescentou n'uma provocação garota:

— Mas poderemos ser noivos. Quem nos impede de sermos noivos?... Em segredo, é claro. Será uma felicidade para nós e não prejudicará pessoa alguma.

Ficou combinado. Seriam noivos. Andariam por toda a parte juntos, na maior intimidade. Em tudo procederiam como se, na realidade, estivessem para unir os seus destinos. Para principiarem, Christina propunha um passeio ao zimbório da Opera, lá bem no alto, junto da estatua de Apollo e mais perto do ceu. Pegou-lhe da mão e como que o arrastou através aquelle labyrintho de escadas e scenarios. Mas conduzia-o mais como quem vem fugindo a alguma perseguição, do que como quem quer passear e distrair-se. Raul comprehendia perfeitamente o receio que ia dentro da alma da sua querida Christina; apertou-a contra o seu peito e exclamou:

— Juro que a salvarei das mãos d'esse monstro.

— Ah! se isso fôsse possivel! — suspirou Christina.

E tomada de maior medo, arrastou Raul com mais força ainda, dizendo:

— Venha. Subamos o mais que pudermos. Quanto mais alto subirmos mais longe estaremos d'elle, cujo dominio está nos subterraneos.

E assim, quasi sem tomarem alento, chegaram ao zimbório, ao telhado da Opera de Paris, cujo pavimento é amplo

e liso e por onde se pôde caminhar como na rua. Dirigiram-se para junto d. estatua de Apollo, em cujo sopé se sentaram. Christina olhou em redor. Não havia ninguém. Os seus olhos não podiam vêr uma sombra que silenciosa os seguia e que parecia attenta a todos os seus passos e ás suas palavras.

Sentando-se junto da estatua, Christina chamou para bem perto de si Raul. Lá em baixo tumultuava a cidade-luz, no seu esplendor, na sua vida agitada e febril, no seu domínio sobre o mundo inteiro, que a procurava de preferencia pela sua alegria. Era Paris, isto é, era a beleza, o prazer, o estonteamento. E elles, que se amavam, que se adoravam, estavam privados d'essa felicidade, porque um mysterioso monstro os perseguia, tinha a existencia formosa de Christina presa ás suas diabolicas maquinações.

— Raul, é preciso que me leve d'aqui! — exclamou Christina, com lagrimas na voz. Quando chegar a occasião de o fazer, se eu me recusar, leve-me á força. Creio que elle seja o demonio em pessoa. Tenho-lhe horror. Não quero voltar com elle aos subterraneos, para onde já me levou duas vezes.

— E o que a obriga a voltar?

— Se o não fizesse, se lhe desobedece, aconteceriam cousas terriveis. Não posso, não posso. Falta apenas um dia para uma nova descida a esse subterraneo tenebroso. Se eu não comparecer, elle me levará por força. Alli, novamente, me verei obrigada a ouvir-lhe as lamentações ao declarar que me ama, que não pôde viver sem mim. E' horrivel!

— Mas se é assim, por que não fugiremos immediatamente?

— Não. Seria cruel de mais. Afinal, eu tenho pena do desgraçado. Amanhã á noite cantarei mais uma vez para elle e então fugiremos. Venha-me buscar á meia noite em ponto.

— Mas quando foi que o encontrou pela primeira vez? — perguntou Raul.

— Ha uns tres mezes. Durante algum tempo ouvi-lhe a voz, mas não o via. Julguei assim que era o Anjo da Musica, promettido por meu pae. Foi elle quem me ensinou a cantar, para poder obter o successo d'aquella noite memoravel, duplamente memoravel, pelo meu triumpho, e porque de novo o encontrei a você, Raul.

e me convenci que o amava. Compreendendo os meus sentimentos, o monstro lamentou-se até ás lagrimas, declarando que se eu dispozesse do meu coração na terra, seria a sua morte.

Por detrás da estatua de Apollo, a sombra, que os seguia, se agitou, ao ouvir estas palavras.

V

Sem comprehenderem o perigo que estavam correndo, Raul e Christina continuaram a trocar as suas impressões acerca de tão mysteriosa situação. Sobre Paris ia caindo um dourado pôr do sol Christina dizia:

— As suas lamentações eram tão pungentes, que deviã ter comprehendido desde logo que estava sob o dominio de uma illusão. Então eu andava ainda convencida da promessa que meu pae me fizera e nada me conseguiria destruir a ideia de que era o Anjo da Musica que me fallava. O meu maior receio era que essa voz, por qualquer razão, podesse deixar de ser ouvida por mim. Foi por isso que eu jurei que renunciaria para sempre ao seu amor Raul, e que não pertenceria a mais pessoa alguma. Dia a dia, foi-me aperfeiçoando nos processos de cantar. A sua voz tinha doçura celeste; não parecia creada para as humanas creaturas. Passado algum tempo, disse-me: "Agora já pôde ir cantar em publico, sem receio. Vae arrebatá-lo mundo." Fui substituir Carlota n'aquella noite. Ainda hoje não sei porque ella deixou de apparecer, nem tão pouco o motivo que levou a direcção a escolher-me para a substituir. Raul estava lá e ouviu como eu cantei. Eu mesma me admirava do poder e da perfeição do meu canto. Mas o esforgo que fiz poz-me exhausta.

E enxugando o suor que lhe banhava a testa, Christina continuou d'ahi a momentos:

— N'essa mesma noite, durante aquelle colloquio, de que Raul ouviu uma parte, contei á voz que me fallava que tencionava ir visitar o tumulo de meu querido pae, em Perros. Respondeu-me que alli estaria para tocar no violino, que pertencerá a meu pae. E assim foi. Desde aquella noite do cemiterio, o poder; o dominio, que aquella voz exercia sobre mim, augmentou. Não me atreveria nunca a desobedecer-lhe e temia-lhe as ameaças



Era uma multidão que ameaçava o Phantasma

constantes, sobretudo quando sentia que entre mim e ella se erguia você, Raul.

“Por fim, n’aquella noite tragica em que calu o lustre central da sala da Opera, recolhendo-me ao meu camarim muito nervosa a Voz, tratou de me acalmar. Pouco a pouco, essa voz ent’ou no meu coração, dominou todo o meu sêr, lançou-me em um outro mundo e eu perdi a consciencia de mim mesma. Estava evidentemente e eu caminhava para ella, automaticamente hypnotizada. A voz continuava cantando, te, sem forças para lhe resistir, sem mesmo desejo de lho resistir. Pareceu-me então que o camarim augmentava de proporções e, sem eu saber como, encontrei-me de repente fóra de seu recinto.

Era um corredor escuro onde não se via um palmo. Fiquei como que petrificada. Foi então que uns dedos esqueleticos, gelados, que me fizeram dar um grito,, me seguraram a mão e me pretenderam guiar. Quiz fugir; um braço me segurou e me arrastou por aquelle corredor tenebroso, onde não se ouvia mais que o ruido dos meus passos. Sempre lutando contra aquelle desconhecido, que assim me impellia para um mysterioso destino, chegamos a uma escada estreita e ingreme, que elle me obrigou a descer. Aquella escada levava-me evidentemente para os subterraneos da Opera, de que eu tantas vezes ouvira falar.

O medo então conseguiu despertar-me. Reconquistei absoluta consciencia da minha desgraça. Gritei, luctei, reagi com toda a minha energia. O meu carcereiro tapou me a bocca com a sua mão esqueletica e gelada. Ao contacto dessa mão, que cheirava á morte, eu desmaiei.

Não sei quanto tempo estive de sentidos perdidos. Sei apenas que quando dei recorde de mim, estava montada sobre o Cesar, aquelle velho cavallo da Opera, que pouco tempo antes tinha desaparecido das caudelarias. Perto de mim estava um homem mascarado. Vinha não sei de onde uma luz doce, azulada, que deixava perfeitamente ver, pelo menos, o contorno das coisas. Foi, então, que me assaltou a idéa de que eu estava prisioneiro do Phantasma da Opera, não me passando pelo pensamento que o phantasma e a voz eram uma e a mesma cousa. Um grande pavor se apoderou de mim, Tudo quanto se cor-

tava do temido personagem — os seus crimes, as suas perseguições, as suas vinganças — tudo velu num instante á minha memoria, causando-me calafrios.

Eu, porém, já não tinha forças para reagir. Deixei-me levar por um abandono absoluto de esperanza de salvagão. Atravessamos innumerados corredores, onde a escuridão era maior. Eu sentia que desciamos. Eram evidentemente os subterraneos da Opera que eu sabia existirem em numero de cinco, collocados uns sobre os outros, terminando afinal numa grande lagoa. Já muitas vezes ouvira falar disso, mas nunca me passara pela imaginação que houvesse alguém ali baixado. E descemos, descemos sempre, eu deixando-me levar, cavalgando Cesar, até que, finalmente chegámos á margem da lagôa. Junto do parapeito estava uma pequena embarcação. O homem mascarado fez-me descer do Cesar, que desapareceu a trote largo pelo subterraneo acima, e levou me, através da lagôa, naquella embarcação, de que elle tomava os remos. Voltava a illuminar-nos a mesma luz azulada.

Após termos deslizado suavemente sobre as aguas escuras da lagôa putrida, chegámos á outra margem. O homem da mascara tomou-me nos seus braços e collocou-me em terra. Através das minhas roupas eu sentia o frio do seu corpo, um frio de morte, um frio horrivel. Levou-me pela mão para um recinto que se abria junto da pequena muralha da lagôa. Acenderam-se rapidamente varias luzes. Eu estava num salão de visitas.

— Um salão de visitas nos subterraneos da Opera? — perguntou Raul, incredulo.

— Sim. Um formoso salão de visitas todo enfeitado de flores. Foi então que o homem da mascara falou pela primeira vez, dizendo-me: “Christina, nada receie. Aqui dentro a sua vida não corre perigo algum”. Era a Voz! Era aquella mesma voz que eu suppunha vinda do céu, mensageira de meu pae, promessa mais cara que elle me fizera em vida. Não se tratava, pois, do Anjo da Musica, mas de um monstro perigoso, cujas intenções eu não sabia! Infeliz de mim que tão triste destino ia ter!

Foi então que elle me fez sentar e ajoelhando-se a meus pés, disse com aquella mesma voz que me encantava;

— Christina, eu amo-a!

Quiz arrancar-lhe a máscara. Elle segurou-me a mão com rapidez. Eu puz-me a chorar, a chorar convulsamente, num grande desespero, misturado a um medo terrível. Elle continuava de joelhos, procurando acalmar-me, dizendo-me o seu grande amor por mim, e declarando que não era, na realidade, nem anjo, nem genio, nem phantasma, mas apenas Erik!

— Eu sou Erik!

Aquelle nome era-me indifferente. O que ainda mais me sobressaltava era a ideia de que eu estava prisioneira, não de um sêr espiritual e vago, mas de um homem arrebatado pela mais humana das paixões. Após alguns instantes, em que me disse a mais ardente confissão de amor, Erik levantou-se e affirmou-me que eu nada tinha a recear, porque me defendia o proprio amor que sentia por mim. Disse-me ainda que me conservaria alli cinco dias, depois dos quaes me daria outra vez a liberdade. Tinha a certeza que eu o amaria pela sua voz e pela sua arte e nunca mais teria força para me separar d'elle. Deu-me de comer e, seguidamente, foi mostrar-me o meu quarto de dormir, artisticamente preparado. Depois levou-me ao seu aposento, ao quarto onde descansava. Recuei de espanto. A cama era um athaude. Perto havia tambem um orgão, um pequeno orgão, em cuja estante se via uma partitura em que se lia "Dom João Triumpante". Com curiosidade, perguntei-lhe se elle era o auctor. Respondeu-me que sim, mas que nunca executaria aquella musica na minha presença, porque era das taes que podiam occasionar a morte a quem as ouvisse. Depois, sentando-se ao orgão, convidou-me a cantar com elle o duetto do "Othelo". Com a curiosidade de lhe ouvir, de novo, a sua voz, accedi. Mais do que quando elle se fazia ouvir através as paredes do meu camarim, a sua voz causava-me uma impressão divina e terrível ao mesmo tempo. Era como que a voz de um seraphim e a voz de um espirito mau, misturando-se no mesmo alento, vivendo sob a mesma inspiração.

Apoderou-se, então, de mim um desejo violento de vêr o rosto d'aquelle homem. Rapidamente, n'um gesto brusco, deitei-lhe a mão á máscara e arranquei-

a!... Ah!... Cem annos que eu viva, não esquecerei aquelle instante. Erik soltou um grito de raiva, um grito diabolico, um grito feroz, seguido de um ranger de dentes. Esse grito misturou-se ao meu, que era de horror, de terrível medo! O que eu tinha na minha presença era uma caveira! Que monstruosidade! Imagina, Raul, se poderes a caveira mais horrenda que jámais se viu, com as quatro cavidades, onde deviam ter existido o nariz, a bocca e os olhos, tu'o isto sob uma impressão de raiva, de desespero!"

Christina tremia tanto ao repetir a Raul estas suas impressões de momento tão doloroso, que Raul procurou acalmá-la. O seu corpo tremia convulsamente e ella teve de parar por alguns instantes na terrível descripção, pois que não se sentia com forças para continuar.

Perto d'elles, a sombra mysteriosa continuava a agitar-se parecendo tomada d'uma enorme exaltação.

VI

— Quando os meus olhos pousaram n'aquelle rosto hediondo, desfalleci, caindo contra a parede. Elle mesmo procurou restituir-me os sentidos. Quando despertei, tinha o seu hediondo rosto bem junto do meu, rangendo-lhe os dentes de raiva incontida. Da bocca rasgada e nua de labios, saíram-lhe palavras sem nexo, cujo sentido eu mal comprehendia. Nos seus olhos, que só na escuridão luziam, havia apenas dois orificios vazios, o que mais horror me causava. Por fim ouvi-lhe exclamar nitidamente: "Olhe e gose a visão tremenda! Quiz vêr, quiz admirar o monstro que ousa ama-la! Ahi o tem. Sou horrendo e, quando queria inspirar-lhe amor com a minha voz, tenho a desgraça de lhe inspirar medo, asco, com o meu rosto! Sim! Saiba que quem a ama, quem a adora, quem vive ha tanto tempo a desejar este instante de felicidade, é um cadaver. E fique sabendo tambem, Christina, que este cadaver nunca mais a deixará. Uma vez que viu o meu rosto, nunca mais d'aqui poderá sair! Aqui ficará presa para sempre!" Em seguida, como se o tivesse dominado um grande pesar, uma dôr suffocante, chorou, soluçou, dizendo por entre os soluços: "Meu Deus! Por que quiz vêr o meu rosto, por que a assaltou este desejo maldito de conhecer o horror

ter a minha mocidade presa à sua miséria physica. Para isso conto comtigo, Raul, para sempre de Erikki!

Raul agasalhou-lhe o corpo tremulo nos seus braços fortes e beijou-a repetidamente, dizendo-lhe:

— Será amanhã a noite! Depois do espectáculo, estarei n'uma carruagem junto da porta do palco e fugiremos para longe da Opera e de Paris.

Feita a combinação, desceram do zimbório e entraram no pleno ruido da rua. A sombra, que os acompanhara desapareceu.

Na noite seguinte representava-se na Opera o "Fausto", cantando Christina Daé. Estava uma sala repleta. Nem um logar vago e reunida a mais distincta sociedade parisiense. Christina, com a sua belleza e com o seu divino canto, conquistara todos os corações. E se alguma vez ella fora arrebatadora, n'essa noite, o publico, ao ouvi-la, estava como que immerso n'um sonho.

Raul, que occupava uma trizade de bocca, tinha os olhos embebidos na sua querida Christina. Os applausos, com que a cobria o publico, eram por elle ardentemente secundados, porque sabia que era para elle tambem que a divina cantora cantava. E a lembrança de que, tendo o espectáculo, seria elle quem a levaria para bem longe nos seus braços, dava-lhe um nervosismo inquietante. No terceiro acto, Christina esteve sublime. Raul, dominado por um louco enthusiasmo, chego a pôr-se de pé no camarote. Christina, com os seus lindos braços estendidos na sua direcção; a voz cheia de doce melodia, sentindo profundamente o canto, soltava o brado divino: "A minha alma anela por se reunir à tua!"

Ao terminar esta phrase, que o publico ia sublinhar com applausos, o theatro ficou de repente immerso na mais profunda escuridão. Foi um instante. A luz voltou rapida. Mas Christina?... Ti-nha desaparecido, n'um relampago, do meio da scena! Foi um tumulto, uma confusão indescriptivel. Os artistas procuravam-na por toda a parte e tremiam de medo com aquelle desaparecimento tão subito e inesperado, que ninguem olera por cousa alguma. O publico esperou debalde que o espectáculo continuas-

da minha face?... Saiba que desde creanga o occulto n'esta mascara! Foi minha propria mãe quem me comprou a primeira, para que a não fizesse tremmer de horror. Meu pae nunca conheceu o meu rosto!"

Durante longos minutos vivemos esta situação dolorosa, em que elle solugava e occultava o rosto dos meus olhos. Pela minha parte, eu fixava-os no tecto, re-coesa de tornar a pousa-los em semelhan-te monstruosidade. Deixando de solugar, foi arrastando-se até ao orgão e começou a executar a sua obra musical. Parecia que n'aquella musica genial passava o es-tremecimento de todas as dores, das maiores dores humanas. Sob os seus dedos magros, ossudos, esqueléticos, o orgão parecia possuir uma alma nova, sentir humanamente aquella dor sublime de um ser a reconhecer-se grande e encarcerado na grade de bronze da sua fealdade physica, da sua hediondez. E gemia, e chorava, como se podia chorar e gemer um grande coração ferido.

Senti-me commover com tanta des-graga. Approximei-me d'elle e disse-lhe, com bondade: "Erikki! Você é o mais sublimemente dos homens! Se tremi ao ver o seu rosto, é porque o considerava um coração doloroso com o explendor do seu genio!" Estas palavras parece que abrandaram um pouco a sua magua. Caiu a meus pés, e, com aquella mesma bocca decarnada, mais uma vez repetiu que loucamente me amava, que eu constituia a unica razão da sua existencia. Durante uma semana vivemos lado a lado, cercada eu de todo o conforto e de todo o respeito. Ao fim d'essa semana, como a minha disposição tranquilla e a minha promessa de voltar lhe inspirassem confiança, deixou-me sair.

E Raul, espantado de semelhante revelação, perguntou:

— Mas prometteste voltar?...

— Prometti, sim? E para ser com-tigo absolutamente sincera e leal, devo confessar-te que não foi com receios le-

ameagas que fiz essa promessa; mas com verdadeiro pesar da sua dor, da sua tristissima situação. A dor que a vida d'essa creatura me causou é profunda. Eu tenho verdadeira magua da sua desgraga. Sintu, porém, a necessidade de nunca mais o ver; de fugir as suas lagrimas, de não



A vossa vida depende da vontade de Christina

se. O panno desceu e d'ahi a pouco voltou a subir, para vir um artista declarar que Christina Daaé tinha desapparecido mysteriosamente, não se conseguindo descobrir o seu paradeiro. O publico saiu do theatro sériamente intrigado com semelhante desapparigão, que elle attribuia maliciosamente á politica de bastidores.

Raul, apenas se fez luz de novo e não viu no palco a sua adorada Christina, saiu correndo da frisa e errou como um louco nos bastidores, gritando afflicto: "Christina! Christina!" A sua primeira ideia foi accusar Erik. Tinha a certeza de que tinha sido a sua mão mysteriosa quem realisára aquelle audácioso commettimento. Mas calou-se, por calculo, para não aggravar a situação da sua adorada, victima d'aquelle monstro. Mas procurava, ansiosamente, achar um meio de encontrar o rasto de Erik, entrando e saindo do camarim de Christina, procurando pelas paredes, pelo espelho, o segredo que levava aos subterraneos, quando na sua frente surgiu uma figura original de homem, que lhe disse n'um tom imperativo:

— Os segredos de Erik não são da conta de pessoa alguma.

— Quem é o Sr.? — perguntou Raul, estupefacto.

— O Sr. sabe perfeitamente quem eu sou. Eu sou o Persa.

Então se recordou Raul d'este typo singular, que ha muito tempo era visto nos corredores da Opera, com o seu bonnet de astrakan, a sua tez morena, os seus olhos negros e prescrutadores. Todos a principio reparavam na sua figura, mas, pelo habito de o verem todos os dias, acabaram por não o vêr. A sua apparencia era de uma creatura concentrada, mysteriosa, silenciosa. Como Raul lhe fosse perguntar se elle conhecia Erik, elle atalhou promptamente:

— O Sr. está á procura de Christina Daaé?... Eu posso auxilia-lo nas suas investigações e tenho a certeza de que o encontraremos.

— Conhece o segredo de Erik? — perguntou Raul.

— Conheço. Se bem que não possa fazer uma affirmação absoluta de como se chegue até ao ponto onde elle se encontra, sem ser pelo caminho da lagôa. Por este já eu um dia fui e Erik me ameaçou de morte, se um dia de novo lá

voltasse.

— D'onde conhece Erik?

— Da Persia, onde elle era conhecido pela alcunha de "conquistador de alcapões".

— Elle já esteve na Persia?

— Já. Foi alli que elle desenvolveu, ao serviço dos senhores, as suas grandes qualidades de suggestionador e creador de mysterios. Condemnado á morte, fui eu, como chefe de policia que era, quem lhe deu fuga. Deve-me a vida. Por minha vez, tive de fugir tambem para não ser decapitado. Mas deixemo-nos de conversas e vamos á procura do caminho que levou a sua Christina. Estou disposto a castigar d'esta vez este monstro para elle não praticar mais maldades.

Raul apertou effusivamente a mão do Persa, disposto a acompanhá-lo fosse para onde fosse.

— Devem estar na casa das margens da lagôa. Vamos seguir aqui pelo espelho. Não temos outro caminho. Aqui, por qualquer parte, deve estar o segredo que leva aos subterraneos.

Raul olhava attonito para o Persa, que tacteava o espelho em todas as direcções. De repente, soltou uma exclamação:

— Achei! Está aqui a mola que faz girar este espelho. Vae vêr como elle gira como se assentasse sobre um "pivot". Desviado o espelho, pôr-nos-hemos a caminho por esse labyrintho de corredores até encontrarmos Christina. Estou disposto a fazer tudo o que for humanamente possivel para o conseguir. E' preciso muita cautela, porque Erik tem o "contrôle" de todas as portas, alcapões e paredes.

— Como é possivel que as portas lhe obedecam d'essa maneira, se não foi elle que as construiu?

— Está enganado — respondeu o Persa. Foi elle justamente o constructor.

Ta Raul fazer novas perguntas, quando o Persa lhe recommendou que não se movesse e não fallasse. O espelho começou a tremer; o Persa e Raul aproximaram-se mais. De repente, o espelho girou, rapido, no meio de um cruzamento de luzes estonteantes, e no seu giro apanhou com violencia os dois homens, atirando-os para o fundo de um corredor escuro, d'uma escuridão impenetravel. Depois, o espelho voltou á sua posição primitiva.

O Persa, que estava prevenido para todas as eventualidades, levava consigo uma lanterna que dava uma luz encarnada. Dirigiu a sua luz em todas as direcções, mas não encontrou nas paredes nenhum vestigio de saída. Algum tempo durou esta investigação, até que o Persa se lembrou de tactear o soalho, na esperança de encontrar essa saída. Na posição em que se encontrava conseguiu que lhe chegasse aos ouvidos um som vago e lhe ferisse a vista um pequeno traço de luz embaciada. Observou com mais atenção e viu que tinha debaixo dos pés um alçapão.

Erguendo o alçapão, disse em voz muito baixa, a Raul:

— Siga-me e faça tudo o que eu fizer.

E escurregando mansamente pelo alçapão, desceram para o subterraneo. Abria-se deante d'elles um comprido corredor de direcção circular, por onde foram seguindo. Já caminhavam ha muito tempo. Raul tinha a impressão de que caminhára milharés de leguas. Já fatigado de corpo e de espirito, perguntou ao Persa:

— Faltarão muito para chegarmos á lagca?

— Este não é o caminho da lagca. O caminho da lagca tem outra direcção. O que eu quero é chegar á casa de Erik por uma passagem secreta que eu conheço. Não desanime e siga-me.

Foram seguindo ainda por largo espaço de tempo, apalpando as paredes e guiados pela lanterna rubra do Persa, quando pararam n'uma alcova que marcava o extremo d'esse cumprido corredor. O Persa voltou a procurar no soalho indicação de um outro alçapão, que os levasse mais para baixo. Depois d'algumas pesquisas, o Persa encontrou o que desejava. Chamou Raul, mostrou-lhe o alçapão e disse-lhe ao ouvido:

— Estamos precisamente por cima dos aposentos de Erik. Precisamos ter agora mais cuidado do que nunca. O mais pequeno ruido que elle ouça, e estaremos perdidos. Vou suspender-me no alçapão, deixar-me cair lá em baixo. Faça o mesmo.

Dito isto, o Persa entrou no alçapão e d'ahi a pouco sentiu-se o baque surdo

de um corpo. Raul imitou-o. Estavam os dois no antro da féra.

VII

A altura de que se tinham precipitado era talvez d'uns dois a tres metros. A escuridão n'este novo aposento era absoluta. O Persa lançou os raios da sua lanterna sobre as paredes, uma e muitas vezes e, o seu rosto, sem que elle preferisse palavra, traduzia a par de espanto, uma grande anciedade e terror. Tinham caído na camara das torturas. Raul tacteando as paredes, disse a certa altura:

— Parece que ha aqui um espelho.

— E' mesmo um espelho — replicou o Persa. Todo este aposento está revestido de espelhos. Caímos na camara de torturas de Erik.

Era, quanto elles podiam observar com o auxilio da lanterna vermelha, uma sala de fórma hexagonal, toda revestida de espelhos. A um dos angulos do hexagono havia uma arvore de ferro, d'uma rara perfeição. Essa arvore, reflectindo-se milharés de vezes nos espelhos da parede, dava a impressão exacta d'uma vasta floresta tropical, que se estendia a perder de vista. Para que a illusão fosse completa, para que, na realidade, o infeliz que alli caísse não duvidasse encontrar-se na zona torrida, um systema de illuminação produzia um tão desmedido aquecimento do recinto, que a victima soffreria todas as torturas da sede e da febre. No escuro, como se encontravam, ainda não lhe apparecia nitida esta dolorosa situação. Mas o Persa conhecia de sobejo o logar em que se encontrava. Aquella camara de torturas era absolutamente igual á que Erik ideára, quando servira na Persia, e que tanto renome lhe grangeára.

Com a comprehensão clara do perigo que corriam, o Persa agarrou Raul por um braço e segredou-lhe a necessidade de conservar o silencio mais absoluto. O que era preciso era sair d'alli, d'aquelle recinto perigosissimo. Começaram as tentativas de encontrar uma porta. Alguns minutos se passaram, quando o som aspero e severo de uma voz os deteve. Era Erik que fallava na sala contigua. Parecia encolerizado. Nitidamente escutaram que dizia:

— Está nas suas mãos escolher o seu destino, Christina. Ou a benção do casa-

mento, com todas as felicidades que lhe prometto; ou a missa de "requiem" para o fim tragico de nós ambos. E não morreremos sómente nós; haverá mortes, muitas mortes.

Escutou-se então um vago gemido, o gemido d'alguem que chorava em silencio. D'ahi a pouco a voz continuou:

— Vou deixa-la sósinha algumas horas para que reflecta. Se até ás onze horas da noite não tiver resolvido casar commigo, dar-se-ha um grande morticínio e muitos enterros.

— Christina!... Christina!...

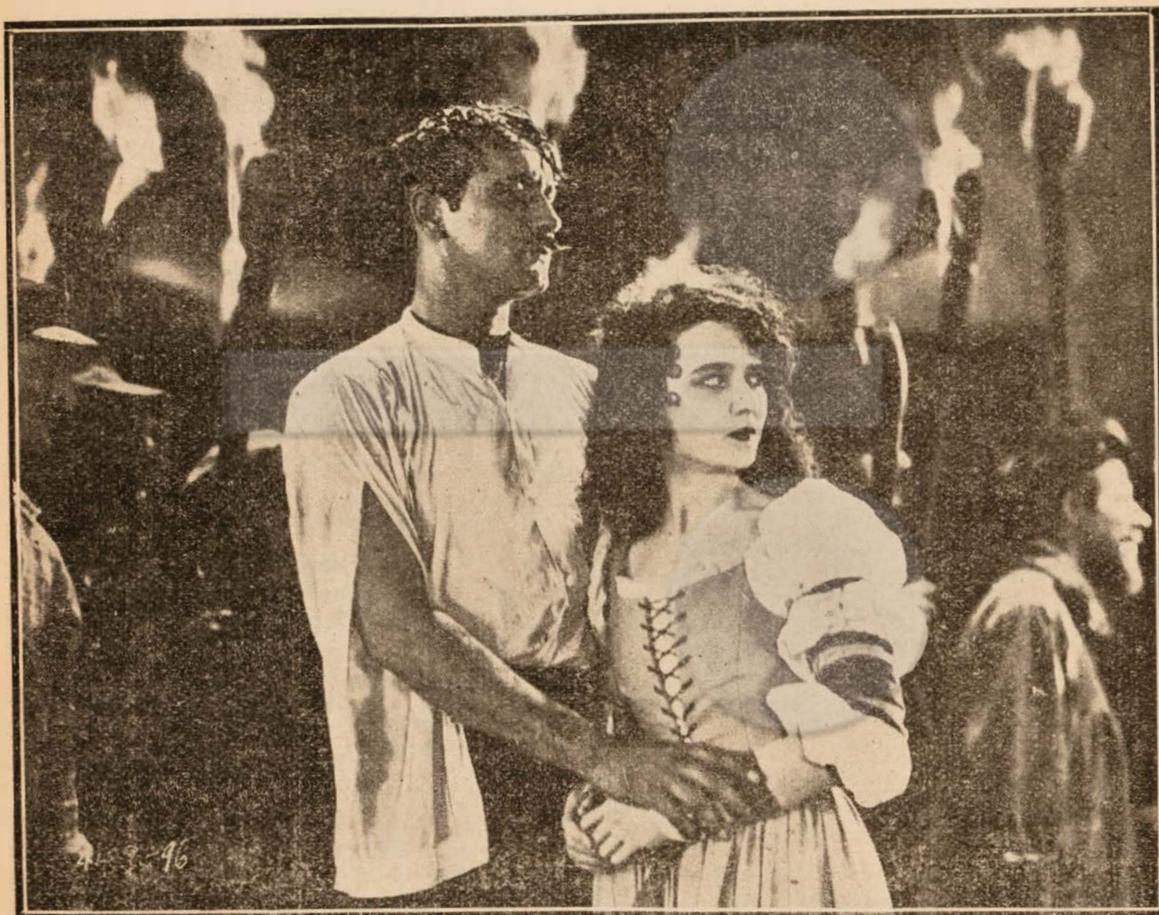
Não obteve resposta immediata; mas d'ahi a pouco, a novo chamado, uma voz abafada respondeu:

— Raul?! Meu Deus, estarei sonhando?

— Não está sonhando, Christina, sou eu mesmo. Vim com um amigo para a libertar. Quando elle voltar, previna-nos. Onde é que elle está?

— Saiu. E onde está você?

— Estamos na sala das torturas — respondeu o Persa. Na sala em que a



Raul e Christina nunca mais voltaram a Opera

Ouviu-se o fechar d'uma porta e tudo cair de novo no mais profundo silencio. Raul e o Persa comprehenderam que na sala contigua, d'onde acabava de sair Erik, devia encontrar-se Christina. O Persa achava prudente verificar se Erik se tinha realmente afastado. Mas Raul ardia de impaciencia e não se pôde conter que não bradasse:

Sra. se encontra deve haver uma porta que dá para aqui. E' preciso que a Sra. consiga abrir-nos esta porta.

— Sei onde está a chave — balbuciou, quasi sem forças, a infeliz Christina. Mas eu estou amarrada. Erik guarda a chave n'uma maleta, a que elle chama a maleta da vida e da morte. Este desgraçado está enlouquecendo e eu estou aqui

á mercê das suas loucuras, sem ter quem me defenda.

Ouvindo estas palavras torturantes, Raul apertava as mãos na cabeça com desespero.

— Quando elle voltar — continuou Christina — procurarei apoderar-me da chave!

Christina silenciou. Raul e o Persa esperavam que ella continuasse fallando. Cêdo comprehenderam a razão daquelle subito silencio. Ouviram-se passos e d'ahi a momentos a voz de Erik, que perguntava:

— Que tem Christina?... Por que chora?

— Choro de dôr, porque estas cordas me magoam. Solte-me d'aqui. Juro-lhe que não tentarei fugir, nem suicidar-me como ha pouco. Não me concedeu até ás onze horas da noite para resolver? Pois bem; solte-me até essa hora, por favor.

Fez-se de novo silencio. Pelo movimento que fracamente escutavam na sala contigua, percebiam que Erik se resolvera a libertar Christina das cordas que a prendiam. Pouco depois começou a ouvir-se nitidamente o som do órgão, que Erik devia estar tocando. Raul e o Persa contavam os minutos por segundos. Durava já ha algum tempo esta situação, quando o órgão parou tão bruscamente, que o Persa, assustado, recuou até á parede. E ouviu-se a voz de Erik, que gritava imperativamente, brutalmente:

— Que está fazendo com as minhas chaves?

E logo a seguir ouviram claramente os passos apressados de quem fugia e de quem perseguia e depois uma lucta, em que os corpos rolavam pelo chão e se escutavam os rugidos d'alguem que furiosamente luctava com outra pessoa. Por fim, o ruido da lucta cessou e ouviu-se de novo a voz de Erik, perguntando brutalmente:

— Responda! Para que queria as minhas chaves?

Passado um rapido momento de silencio, Christina respondeu:

— Desejava apenas satisfazer a minha curiosidade, vindo a sala a que o Sr. chama das torturas.

A resposta era ingenua demais para poder ser acreditada por Erik. A desconfiança entrou no seu espirito. Iam reco-

meçar as suas brutalidades contra aquella revoltada mulher, a quem elle adorava, quando Raul soltou, involuntariamente um grito de desespero. Erik, que o escutou, disse alvorocado:

— Que é isto? Parece que temos gente alli dentro?

Christina tentou detê-lo, mas, elle desembaraçando-se bruscamente das suas mãos, dirigiu-se para uma pequena janella, d'onde se via tudo quanto se passava na camara das torturas. Ao fazer luz e ao deparar com Raul e o Persa, soltou uma gargalhada estridente, que gelou até aos ossos os infelizes prisioneiros. Depois, dirigindo-se de novo a Christina, exclamou em tom de sarcasmo:

— Com que então queria vêr o que havia lá dentro, não é assim? Pois bem; vae ter occasião de apreciar o mais estupendo espectáculo, como nunca os seus olhos viram outro igual. As torturas vão começar.

Nesse momento, a luz intensa e ofuscante caiu do tecto sobre o apertado aposento. Era tão quente e tão forte essa luz que os dois desgraçados quasi desfalleciam. Maguava-lhes os olhos e fazia-os transpirar exageradamente. A arvore de ferro, reflectindo-se nos espelhos, dava a impressão de que se estava realmente em plena floresta tropical. Ao desespero da sua situação juntava-se o de escutarem os gritos de Christina, a quem Erik arrastava para fóra d'aquella sala.

O Persa, que já conhecia, desde o oriente, aquelle systema de tortura; que sabia que o infeliz que alli penetrasse seria victima das illusões de optica, que eram base do soffrimento; procurava libertar-se da influencia d'estas illusões, convencendo por sua vez o seu companheiro, para que elle reagisse. Mas Raul, com o coração desesperado, não tinha coragem para tanto. Em breve uma sede terrivel, uma sede diabolica, veio tortura-lo. Era assim que a todos acontecia. Os que alli entravam, acabavam enlouquecendo, despedaçando a cabeça contra os espelhos, ou enforcando-se na arvore de ferro.

Mas o Persa sabia tambem que aquella sala tinha uma saída. Em qualquer ponto do soalho devia existir uma mola, impellida a qual se abriria um alçapão, que lhes daria ar e liberdade. As-

sím devia ser, porque assim era na câmara de torturas construída por Erik no Oriente e que era em tudo egual áquella. Por isso, o Persa tratou primeiro de procurar essa mola. Teve, porém, de suspender as suas investigações, para acudir a Raul, cujo estado era lamentavel. As palavras que Erik dirigira a Christina, impondo-lhe ou o casamento ou a morte, não lhe saíam do pensamento. O calor, a sede, a illusão da floresta, tudo estava sortindo os seus effeitos no espirito e no corpo de Raul, que chegára ao maximo desespero. Debalde o Persa o procurava convencer que aquillo era tudo illusão e que, dentro em pouco, encontrada a mola mysteriosa, recuperariam a sua liberdade. Raul a nada queria attender.

Ha meia hora já que durava aquelle inferno. O Persa, attento, procurava palmo a palmo, no assoalho, a mola salvadora. De repente, Raul começou a gritar, n'uma enorme exaltação:

-- Estou morrendo de calor e de sede. Quando pensa encontrar o que procura? Se demorar ainda muito morreremos queimados vivos!

De novo o Persa procurou acalma-lo, mas com os movimentos que fez para isso, perdeu completamente a direcção em que se encontrava e teve de recommençar as suas investigações. Tinha sido meia hora perdida.

Guiando-se pelos painéis dos espelhos, não sabia já por onde iniciára o seu trabalho, e d'alli mesmo, do ponto onde se encontrava, voltou a procurar a mola, resolvido a abandonar Raul aos seus desesperos.

O infeliz delirava, preso d'uma febre terrivel, lançando gritos que pareciam uivos. Dizia em altos brados que ha tres dias e tres noites procurava Christina n'uma floresta tropical. Rolava no chão desesperado com uma sede infernal, que o torturava. Causava dó vê-lo, tanto era o seu abatimento moral e physico. Indifferente, ou apparentemente indifferente áquella dôr, o Persa continuava á procura da mola que os devia salvar. Mas eis que a luz 'desapparece por completo, deixando tudo immerso na mais profunda escuridão. Era Erik que continuava a pôr em pratica as differentes maneiras de levar as suas victimas ao desespero.

Agora, o que os infelizes viam era

uma noite tropical, admiravelmente simulada. Dir-se-hia encontrarem-se em plena floresta, com os perigos que em taes logares offereciam as noites cerradas. Para que a illusão fôsse completa, dentro de pouco começa a ouvir-se rugidos de leão, a principio afastados, logo mais perto. O Persa conservou-se quase indifferente áquelle novo estratagemas. Já o conhecia. Mas Raul, cujo abatimento era completo, absoluto, recebeu aquella illusão como a mais completa realidade, e tremeu de pavor e de espanto. Passados alguns minutos, Raul, que a cada passo lançava tremendos gritos de terror, tinha a impressão nitida, real, de que estava cercado de ameaçadoras fêras.

VIII

A escuridão, o estado de abatimento em que se encontrava, obrigaram o Persa a pôr um ponto nas suas investigações. Por fim, as forças faltaram-lhe por completo e elle desmaiou. Quando de novo readquiriu os sentidos, tudo tinha mudado por completo. A floresta desapparecera; a luz voltára; e o que se via agora na multiplicação dos espelhos, com uma illusão ainda mais perfeita, era um immenso deserto, onde, aqui e alli, se viam oasis. O calor augmentára extraordinariamente e a sede que os torturava tomava proporções de os levar á loucura.

Vendo que não encontrava maneira de sairem d'aquelle terrivel logar, o Persa tentou commover Erik e chamou-o repetidas vezes, com toda a força de que podia dispôr. Mas ninguem lhe respondeu. Decididamente, o cruel Erik queria levar até ao fim a sua horrorosa vingança. Raul continuava nos seus impacientes desesperos, sob a tortura da sede, a que se juntava agora a da fome, pois ha longas horas durava já aquelle martyrio. Raul, no meio dos seus gritos desesperados, reparou que em um dos oasis brilhava a agua de uma lagôa. Ia para se precipitar sobre ella, sequioso. O Persa agarrou-o, querendo convence-lo de que tudo não passava de mais uma illusão, preparada por Erik. Raul não se quiz convencer. "Pois era lá possível! Elle não estava vendo como a agua brilhava e se movia?" E largando-se, n'um gesto brusco, das mãos do Persa, precipitou-se sobre a agua da

pretendida lagôa, a bocca hiante, a lingua fóra da bocca. Quando applicou a lingua sobre a superficie, deu um pulo e um grito de desespero. Não encontrára mais que a superficie do vidro, escaldante como fôgo.

Tanto Raul como a Persa se convenceram, afinal, de que só lhes era dado esperar pela morte. Raul chorava e o Persa deixou-se cair para um canto para acabar para alli, de qualquer maneira. N'este estado esteve durante alguns minutos, quando os seus olhos, que vagueavam indifferentes pelo recinto, depararam no assoalho com uma pequenina fenda, de onde saia como que a cabeça d'um prégo. Conforme as suas forças lh'o permittiam, foi se arrastando até lá e ao examinar o prégo, soltou um grito de alegria:

— Estamos salvos!

E explicou que aquillo era a mola ha tanto tempo procurada. Impellindo a cabeça de prégo, a mola cedeu e um alçapão se principiou a abrir. Era preciso, cuidado. Não fosse aquillo mais uma traição de Erik para os matar mais rapidamente. O Persa calçou, cautelosamente no prégo. A mola acabou por ceder. O alçapão escancarou a sua bocca negra. Entrou na camara das torturas uma bafurada de ar fresco e humido, que os renimou. Raul queria precipitar-se immediatamente pela abertura do alçapão. O Persa deteve-o, no receio d'alguma maior desgraça. Depois debruçou-se sobre a beira do largo buraco e tateou-o com as mãos. Concluiu que havia uma escada. Pela humidade que d'alli subia, pensou que a lagôa não devia estar longe. Com a ajuda da sua lanterna, foram o Persa e Raul descendo a escada, com a maior cautela.

Era uma escada estreita, em caracol, cujo termo não se devisava claramente. A descida durou longo tempo, pelo cuidado em que estava sendo feita. Chegaram, por fim, ao ultimo degrau e appareceu-lhes um amplo aposento cheio de barris. Estavam lacrados. Deviam conter vinho, e agua tambem para supprirem as necessidades de Erik. Iam emfim saciar a sua sêde, aquella sêde maldita que ha tão longas horas os torturava.

Levantaram um dos barris. Raul, com pequeno canivete, ia fazer n'elle um pequeno buraco. Quando procediam anciosos a esta operação salvadora, o som ex-

tranho de uma voz deteve-os. Parecia que vinha de dentro dos proprios barris, e entoava n'uma melopeia de pregão das ruas:

— Barris, barris, tem barris para vender!

Raul deu um recuo brusco contra a parede; o Persa suspendeu attonito a lanterna, mas logo se acalmou. Elle sabia que Erik era ventriloquo, que a voz não vinha dos barris senão por uma illusão. Mas concluiu tambem, naturalmente, que Erik não devia estar longe, que os andava vigiando.

— Que cousa exquisita — disse Raul. Iria jurar que a voz vem de dentro do barril.

O Persa rapidamente lhe explicou do que se tratava. Era preciso continuar a perfuração do barril para matarem a sêde que os devorava. Raul recomeçou a perfurar o barril, quando pelo orificio feito lhe veiu cair nas mãos qualquer cousa, que elle mostrou ao Persa, dizendo:

— Que será isto? Agua não é.

E ia approximar-se do Persa, quando este atirou violentamente com a lanterna, que foi despedaçar-se longe contra a parede. Era polvora. Todos aquelles barris estavam cheios de polvora! Ficaram tomados de tremendo pavôr, que lhes fez esquecer todos os soffrimentos passados. D'um momento para o outro, se tanto o desejasse aquelle monstro, elles e todo o edificio voariam no espaço com a explosão d'aquella polvora. Agora comprehendiam elles o sentido das ameaças de Erik a Christina, no caso em que ella resolvesse não acceder aos seus projectos de casamento. "Haveria mortes, muitas mortes!"

Raul e o Persa encontravam-se agora, despedaçada a lanterna, completamente ás escuras, a dois passos da morte. Nem sequer tinham a noção exacta do tempo, pois que sem a lanterna não pediam vêr as horas que eram. Raul quebrou o vidro do relógio que trazia consigo e tateou os ponteiros com todo o cuidado. Marcava o relógio poucos minutos para as onze. Era a hora fatal. D'ahi a pouco, passados esses breves minutos, se Christina se recusasse a acceder aos desejos de Erik, a morte mais barbara, mais horrível os esperaria, bem como a todas as pessoas que se encontravam a essa hora, descuidadamente, na sala da Opera, a ouvir cantar.

Raul e o Persa subiram correndo, de novo, a escada que levava á camara das torturas. Alli tudo estava escuro. O Persa atirou-se contra as paredes de espelho, gritando por Erik, que lhe acudisse, que o attendesse, que o salvasse, que se lembrasse de que, outróra, lhe salvára a vida. Raul, esse chamava desesperado por Christina. Algum tempo ficaram assim braçando, até que escutaram passos na sala contigua e a voz de Christina que chamava: "Raul! Raul!" A voz da infeliz cantora era quasi sem alento e vinha entrecortada de soluços. Disse ao seu amado que o julgava já sem vida e que n'estas ultimas horas ella tinha soffrido horrosamente.

— E Erik? — perguntou o Persa.

— Erik saiu, dizendo que me deixava pela ultima vez com vida; que voltaria á hora designada, para que eu lhe dissesse a minha ultima resolução. Elle está completamente louco. Causa-me um pavor horrivel. Arrancou a sua mascara; e os seus olhos, quando me falla, parecem lançar chammas lá de dentro.

E Christina calou-se, ouvindo-se claramente que chorava. Raul torcia as mãos de desespero por não a poder salvar. Pouco depois ella continuou, em voz mais baixa, como para fallar em segredo.

— Deu-me uma pequena chave, com que eu devo abrir, á hora combinada, um pequeno cofre que estou vendo d'aqui. Dentro d'esse cofre, diz elle que existem duas alavancas: uma tem o feitio de um scorpião; a outra de um gafanhoto. Uma dessas alavancas tem de sêr movida por mim. Se o fizer com a do scorpião, significará que o acceitarei por meu esposo; mas se movesse o gafanhoto, quereria dizer que o recusava. Então, nesse caso, observou-me ao afastar-se, é preciso muito cuidado, "porque o gafanhoto salta alto, muito alto".

Raul e o Persa comprehendieram perfeitamente. Aquella alavanca estava ligada, por electricidade, aos barris de polvora.

Faltavam apenas cinco minutos para a hora fatal! Cinco minutos que iam sêr uma eternidade e, um relampago, um mundo de martyrios e de ansiedade. Raul, em quem, n'aquelle instante o instincto de conservação fez dalar o amor, bradou afflicto para Christina;

— Christina! Erga a alavanca marcada com o scorpião!

Mas o Persa, suspeitando d'alguma nova traição de Erik, bradou afflicto:

— Não, não mova a alavanca do scorpião.

— Elleahi vem! — disse em voz sumida a martyrisada Christina.

Realmente, começaram a ouvir-se uns passos lentos, no quarto em que estava Christina. Por algum tempo esses passos foram escutados, mas nem uma palavra sequer que illudisse sobre as intenções do monstro. O Persa resolveu quebrar esse silencio, mais uma vez emprecando Erik.

— Erik, sou eu. Não me conhece?

Erik resolveu, d'esta vez, responder, com uma terrivel calma na voz:

— O que? Vocês ainda estão vivos ahi dentro? Ainda não morreram? Pois então tratem de ficar bem quietinhos, se não quizerem voar pelos ares. O vosso destino está nas mãos d'esta creatura. Recusa-se a erguer qualquer das duas alavancas, mas ainda está a tempo de o fazer. Se ella se resolver a levantar a alavanca do scorpião, a agua da lagôa inundará a sala dos barris de polvora. Realisar-se-ha, então, o nosso casamento. No caso contrario, terá terminado a vossa existencia.

Passados alguns instantes, em que nenhuma destas tres infelizes creaturas se atreveu a pronunciar uma palavra, Erik accrescentou:

— Christina! Se dentro de dois minutos, você não mover a alavanca do scorpião, eu mesmo moverei a do gafanhoto.

Estas palavras foram ditas com uma extraordinaria energia, que poz em todos os corpos calafrios. Novo silencio reinou n'uma e n'outra sala. Raul, perdidas todas as esperanças, ajoelhou-se e resou. Acabava-se alli o seu romance de amor. Elle já nada mais tinha que esperar da terra. Todas as recordações da sua infancia, da sua mocidade dourada, do coração bonissimo de seu irmão Philippe, tudo assaltou o coração moço do visconde Raul de Chagny, cruelmente perdido por um grande amor. Só lhe restava resar e preparar-se para a morte. O Persa, esse sabendo de que era capaz a alma perversa de Erik, como todo o orientalista, olhava com indifferença aquelle final, que jul-

gava o resultado de um destino fatal.

Passaram os dois minutos. Erik, n'uma voz que parecia resumir todos os sentimentos de perversidade, de maldade, que eram a directriz do seu coração de ferro, disse:

— Mademoiselle! Passaram os dois minutos. Adeus. Vou fazer saltar a alavanca do gafanhoto!

— Erik! — gritou Christina.

Foi tão estridente, tão do fundo de alma, este grito de Christina, que conseguiu deter os passos de Erik, que se dirigia para o cofre.

IX

E Christina concluiu:

— Erik! Jura-me que, para salvar a vida de todos, é a alavanca do scorpião!

— Se quizer ser minha esposa, é. Mas basta de palavras inúteis. Vejo que apenas tem o desejo de protelar esta situação. Realisem-se os fados.

E os seus passos bateram forte no assoalho.

— Erik! — gritou de novo Christina.

— Basta! — respondeu Erik.

O Persa, imprecava Erik ao mesmo tempo que Christina, enquanto que Raul, de joelhos, continuava orando. Logo se ouviu a voz de Christina que exclamava:

— Vê Erik? Movi a alavanca do scorpião.

Fôra Christina que se adeantára a Erik e movêra rapidamente a alavanca indicada. Raul e o Persa, attentos ao que se ia passar, esperavam ansiosos o resultado do gesto de Christina. Tinham dúvidas sobre a sinceridade de Erik e pensavam que dentro de segundos veariam pelos ares. Mas tal não aconteceu. Sentiram, primeiro, que alguma cousa se havia despedaçado lá em baixo; e depois escutaram como que o silvo de um foguete. A principio, o som era pouco perceptível. Mas foi crescendo pouco a pouco, de fórma a parecer um rugido de fera, dando por fim a impressão clara de grande corrente d'agua precipitando-se fragorosamente. Raul e o Persa correram para o alçapão. A sêde que ha tanto tempo os devorava, augmentára ao som d'aquelle sussurro de agua corrente. Desceram pela escadaria do alçapão e durante alguns minutos saciaram soffregamente aquella

sêde, que ha tantas horas os martyrisava, bebendo a agua suja da escura lagôa.

As aguas vinham subindo, subindo sempre. Já tinham coberto todos os baris e galgavam a escada que levava á camara das torturas. Indifferentes áquelle movimento, pela satisfação da sua terrivel necessidade physica, Raul e o Persa seguiam na sua frente, bebendo, bebendo sempre. No cimo da escadaria, a agua já lhe cobria os pés, e elles continuavam bebendo. Por fim, tiveram de se refugiar na camara das torturas. A agua alli os procurou galgando da abertura do alçapão em catadupas. Recuaram espantados para um canto da camara. Mas a agua continuou subindo, subindo sempre.

O Persa, vendo alli mais uma traição do cruel Erik, gritou:

— Erik! por favor! Chega de agua. Fecha a torneira.

As suas palavras, abafadas pelo ruido da agua, não obtiveram resposta. Entretanto, o nível da agua, que continuava a subir, já lhes chegava á cintura. Era agora Raul, afflicto, que gritava:

— Christina! A agua já chega ás nossas cinturas!

A imprecção de Raul obteve a mesma resposta que a do Persa: o silencio mais completo, o que, com o gorgulhar da agua, dava mais panico. Já não conseguiam, nem um nem outro sustarem-se em pé, e a correnteza, cada vez mais forte, atirava-os contra os espelhos. Procuravam nadar, mas as forças faltavam-lhes. Procuravam suspenderem-se em qualquer recanto, em qualquer saliencia das paredes, mas de novo vinha a agua, no seu redemoinho tremendo, e arrancava-os para o sorvedouro do seu seio.

A alma diabolica do monstro Erik proporcionava-lhes uma morte, que não era inferior, em crueldade, á que lhes destinava com os tormentos passados. O Persa, não desanimando, imprecou Erik mais uma vez, procurando commove-lo:

— Recorda-te Erik, que me deves a vida! Lembra-te que tendo sido prêso na Persia, e condemnado á morte, quem te livrou da forca e te deu fuga fui eu.

Como das outras vezes, o silencio terrivel, o silencio doloroso, continuava. Agora os dois rodavam na agua como naufragos, atirando-os a agua, um contra o outro, difficultando o equilíbrarem-se. O

Pensa, conseguindo approximar-se da arvore de ferro, suspendeu-se d'ella, levantando-se assim de novo ao de cima do nível da agua. Raul, que se approximou, teve esta exclamação de jubilo.

— As aguas estão parando!

Era mais uma illusão. Não havia'm parado na sua ascensão sempre crescente; tinham apenas deixado de entrar de roldão, por ser menor a sua violencia. Mas da lagôa continuava a correr agua sem abundancia sobre a represa aberta.

Aquella lucta não podia continuar, de mais a mais em plena escuridão. Já não só lhe faltavam as forças; faltava-lhes tambem a propria consciencia, tão perturbada por sensações dolorosas estavam os seus cerebros. Por fim, sentiram que ia ser chegado o seu fim, que iam afundar. Raul e o Persa gritavam ainda pela ultima vez: "Erik! Erik!" E ao Persa pareceu-lhe ouvir outra vez o pregão fatidico:

— Barris, barris! Tem barris para vender?!

Horas depois, o Persa recuperava os sentidos. Viu-se na sala de visitas de Erik. Raul estava estendido no chão, ainda desacordado. Junto ajoelhava-se Christina, a loura cabelleira em desalinho, as vestes em desordem. Ao abrir os olhos, o Persa recuou ao vê-se em frente de Erik, que tinha nua a sua face hedionda e que parecia querer devora-lo com o seu olhar fercz. Evidentemente, era ao Persa que elle attribuia a responsabilidade d'aquella tentativa de entrada no seu esconderijo mysterioso. Christina olhava para Raul e chorava, sem pronunciar uma palavra.

Voltando-se para o Persa, Erik declarou com manifesto rancor:

— Salvei-lhes as vidas a pedido d'ella, sob a promessa de que casaria commigo. E' a ella que devem agradecer e não a mim. Quando tiverem recuperado as forças, leva-los-hei de novo para fóra dos meus dominios.

Emquanto Erik fallava, Raul recuperava os sentidos. Quando teve consciencia da sua situação, e viu na sua presença a sua querida Christina, correu para ella e abraçou-a enternecidamente. Os olhos de Erik relampejavam de ciume. Fez um movimento de ataque, e o Persa teve a impressão de que as suas mãos esqueléticas, que pareciam garras de ferro, e tinham

uma força desmedida, iam apertar a garganta de Raul e mata-lo. Christina comprehendeu igualmente a intenção de Erik. Deixou Raul, com grande espanto d'este, e dirigiu-se para Erik, em cujos hombros collocou as suas mãos de neve, como para querer acalma-lo. Erik curvou a cabeça.

Então Christina dirigiu-se a Raul, dizendo-lhe:

— Raul! Vou casar-me com Erik. Prometti e estou disposta a cumprir a minha promessa.

E em seguida, tomando o rosto hediondo, asqueroso, repeilente, entre as suas brancas mãos, beijou-o na testa.

O que então se passou pareceria inacreditavel. Erik, aquelle homem perverso, aquelle homem cruel, que fazia da maldade uma religião, que nunca soubera o que era o carinho de uma mulher, nem sequer de sua mãe, ao contacto d'aquelle beijo puro, dado pelos labios divinaes de uma mulher formosissima, poz-se a tremer, a chorar, soluçando alto. Em seguida caiu a seus pés beijando-lhe e acariciando-lhe a fimbria do vestido.

Raul ficou impassivel, sem comprehender; Christina e o Persa, esses não poderam conter as lagrimas na presença d'aquelle monstro, gemendo de dôr e de paixão. E parecia não acabar aquelle quadro doloroso. Depois de Erik se ter conservado alguns minutos n'aquelle estado, ergueu-se, como se quizesse vencer, o pranto que o dominava. E, olhando firme para Christina e Raul, tirando d'um dedo descarnado um valioso anel, disse-lhes:

— Christina, aceite este anel de que lhe faço presente para o seu moivado, de você e de Raul. E' o meu presente de casamento, o presente do seu infeliz e desgraçado Erik. Sei que ama Raul. Não criarei estorvos á sua felicidade. Não chore mais.

— Que quer dizer? — perguntou Christina, cheia de anciedade.

Erik, com a mão no peito, como querendo segurar o seu desgraçado coração, respondeu com serena altivez:

— Quero dizer que a desligo da sua promessa. Beijou-me e chorou por mim. Nunca até hoje tinha tido a ventura de receber um beijo de mulher. O seu beijo como que me santificou. Não tenho o direito de a fazer infeliz. Muito pelo con-

trario: d'ora avante serei como que um seu cão fiel e morrerei por si se tanto fôr preciso. O seu beijo redimi-me. Cas? com aquelle que ama e seja feliz, e lembre-se sempre que Erik, no fim da sua vida, teve um bello gesto, que apaga o seu passado criminoso.

— No fim da sua vida? Que quer dizer? — perguntou Christina.

— Para mim acabou a existencia do mundo. Nenhuma consolação maior que a que me deu posso esperar. Para invocar o fim da minha vida, vou pedir á inspiração a benção da arte.

E, dirigindo-se para o seu quarto proximo, sentou-se no orgão, e começou a executar um "requiem", em que passavam, em lamentações profundas, todas as dôres, as maiores dôres. Nunca dedos alguns, nunca voz alguma, souberam traduzir com mais imponencia, com mais sentimento, as dôres que vivem n'aquellas queixas biblicas.

Raul, Christina e o Persa estavam como que embevidos na seducção daquelle voz. Nenhum dos tragicos momentos passados nas ultimas vinte e quatro horas lhes lembrava. Só pensavam que estava alli um desgraçado soffrendo, um desgraçado a quem a natureza fôra madrasta, e que, tornando-o um monstro, fez d'elle uma fonte inesgotavel de maldade, como o poderia ter feito um bom, um justo e um artista divino.

E a musica dolorosa continuava, exprimindo em todas as suas tonalidades, a profunda tristesa, a magoa, em summa, a tragedia da vida, attribulações e desenganos de Erik.

A meio da execução, os ouvintes foram distraidos por um sussurro, que a principio vinha de longe, mas que depois se foi assentuando. Era como que o sussurro de milhares de pessoas, que se aproximassem em tumulto. O sussurro aproximava-se mais. Raul saindo a porta do aposento para verificar, viu uma turba immensa, que á luz dos archotes, se aproximava em attitudes ameaçadoras. Penetrára nos subterraneos, e pelas margens da lagôa procurava, para o matar, o Phantasma da Opera, que tantos males havia causado.

Erik, impassivel, como que dominado por uma extranha absorção de todos os

seus sentidos, continuava entoando o seu "requiem".

X

Traziam tochas accesas, com que se guiavam nos escuros subterraneos. As suas vozes, sob os arcos de granito, tinham resonancias atroadoras. Dir-se-hia que o edificio ia ruir com tal estrondo de mil vozes gritando a um tempo e multiplicadas pela resonancia. Nas aguas da lagôa, a luz avermelhada dos archotes punha reflexos de inferno naquelles rostos patibulares. Quem os encontrasse por acaso pensaria que se tinham aberto as portas do inferno. Só Erik continuava impassivel ao orgão, entoando a litania plangente do seu "requiem".

Raul e o Persa não sabiam que fazer: se prevenir Erik do perigo que corria, se esperar o povo e demove-lo de qualquer intenção criminosa. Nesta indecisão os veiu encontrar a população que começou batendo violentamente á porta da sala em que se encontravam. Nos seus gritos havia loucos e desvairados desejos, de vingança, sinistras intenções. A vida de Erik estava por um fio. O povo, que vinha decidido a exterminá-lo, recordava todos os crimes que elle praticára, e clamava vingança! vingança! vingança!

Como Raul e o Persa continuassem indecisos, o povo começou a forçar a entrada, impellindo a porta. Passados poucos minutos, a porta, que era forte, despedaçou-se ao impulso d'aquelles homens sequiosos de realisarem o seu processo de justiça summaria. Nos olhos dos primeiros assaltantes havia chispas de fogo. Só então se viu que vinham todos mais ou menos armados, o sufficiente, não para matar um monstro, mas mil monstros. Como não encontrassem Erik na sala, iam dirigir-se para o resto da casa, quando Raul, postando-se junto da porta do quarto em que estava Erik, bradou energicamente:

— Alto!

Fez-se subitamente silencio. Um instante, um segundo, em que a multidão sobressaltada se recolheu silenciosa ao grito d'aquelle môço corajoso, foi o bastante para que aos seus ouvidos chegassem os acórdes do "requiem" e se deixassem sug-

gestionar por elles. Que musica e que voz eram aquellas? Que poder de emoção exercia sobre todos aquelles corações, que ficavam embebidos, extaticos, silenciosos, sentindo-as e comprehendendo-as apesar de creaturas rudes? Nem mais um grito se ouviu; os braços, antes levantados e ameaçadores, caíam sem animo ao longo do corpo; e a musica continuava, poderosa e triumphante, commovendo a todos.

Por fim, a musica parou. Raul abriu apressadamente a porta que dava para o quarto de Erik e encontrou-o desfallecido. Correram Raul e o Persa para elle. O seu abatimento era profundo. Dir-se-hia que aquelle magro, esquelético corpo, não mais possuía que um sopro de vida. O Persa tomou-o nos braços e amparou-o:

— Eis chegado o meu fim! — disse, com voz quasi imperceptivel. Afinal, em toda a minha vida, sendo um mortal, não procurei senão o que procuram todos os mortaes — um coração de mulher. Agora, porém, tudo está acabado. Não mais me é preciso correr atrás d'esse ideal. Vou morrer, e o meu desejo é que ella seja muito feliz em companhia d'aquelle a quem ama.

E voltando-se para o Persa, a quem apertou a mão, disse-lhe com um tom de voz magoado:

— Adeus, meu amigo.

Junto da porta, a turba apertava-se na ancia de vêr o monstro. O espectáculo da morte quebrara-lhe os desejos de vingança, os impetos com que vinha a castigar o autor de tantas desgraças.

O corpo de Erik estremeia nas ancias da morte. Parecia que a alma genial presa n'aquella cadeia de ossos, queria alli perdurar. O rosto do monstro era n'esse momento repugnante e profundamente doloroso. Erik tentou ainda erguer-se para fallar a Christina, que a um canto chorava. Mas já não tinha mais forças. Lampejos de desespero saíam das suas orbitas horrendas. Por fim, um ultimo extremoção, e caiu. O Persa, pousando-lhe o corpo, ergueu-se solemne e vagarosamente, e dirigindo-se aos que o rodeavam, exclamou:

— Erik já não é mais d'este mundo!

EPILOGO

Seria superfluo dizer que este caso

emocionára profundamente os parisienses. O rapto de Christina, a queda do lustre, o desaparecimento de Raul, não eram para menos. Quantas tragedias, quantas paixões, quantos crimes não envolviam o idyllio de Raul com Christina!

Morto Erik, o Persa divulgou a historia de toda a sua vida. Constava que, mesmo quando elle era criança, a sua fealdade era tal, que ninguem podia olhar sem ficar horrorizado. Em idade tenra fugiu de casa para acompanhar um ceco ambulante, onde aprendeu a fazer de ventriloquo, viajando a Europa inteira. Alcançou tanta fama que recebeu um convite do sultão de Mazenderan, para representar no palacio. Ali o sultão encomendou-lhe que construísse um palacio cheio de passagens secretas, camaras de torturas e outros engenhos mysteriosos. Uma vez concluido o edificio, para que não houvesse outro igual no mundo, o sultão mandou que eliminassem Erik do rol dos vivos. O Persa, que nesta occasião, era chefe de policia do lugar, deu fuga a Erik.

Depois disto Erik andou vagueando pelo mundo, até que chegou a Paris. Cansado da vida incerta e monstruosa que levava até então, resolveu estabelecer-se na cidade luz como simples architecto e constructor.

Havendo apresentado proposta no concurso para construcção de parte dos alicerces da Opera de Paris, esta foi aceita. Durante a execução desta obra gigantesca a sua natureza de artista, fantástico e mysterioso, surgiu de novo. Idealizou a construcção de uma morada cuja existencia seria ignorada do resto do mundo e em que poderia viver afastado em companhia sómente da sua musica idolatrada.

O que foi o restante da sua vida, já foi contado.

Por sua vez, Christina, em vista dos factos desenrolados, não mais quiz cantar na casa onde se haviam dado tantos desgostos, e assim, um dia, partiu em companhia de Raul para nunca mais voltar, esquecendo o horrivel drama em que involuntariamente haviam tomado parte, viveram juntinhos e felizes.

FIM

© CASA VALLE ©

FUNDADA EM 1865

COYA & COMP.

A mais chic das
alfaiatarias
cariocas

Avenida Rio Branco, 133-1º

Tel. Central 3376

A Samaritana



Minhas senhoras, é a casa que para os vossos bordados, para as vossas rendas, para os mil enfeites das vossas toilettes, deveis preferir



*A melhor em artigos de retroseria
18, Travessa de S. Francisco, 18*

Grandes Officinas
de Typographia,
Litographia,
Pautação,
Encadernação e
Timbragens em
Relevo

PAPELARIA ATLANTICA

A. M. QUEIROZ & C.

Livros em branco
e commerciaes,
Objectos para es-
criptorio,
Artigos para de-
senho e papeis de
todas as qualidades



Rua General Camara, 92



Telephone Norte 5045

Rio de Janeiro

MACHINAS DE COSTURAS

Manequins, escalas, tesouras,
botões e todas as miudezas para alfaiates
Artigos de armarinho e de costureiras
Officina de concerto para MACHINAS DE
COSTURA

N. Guimarães & C.

Rua Luiz de Camões, 16 e 18

Telephone 1734 Norte
End. Teleg. "ELEGANT" — Codigo "RIBEIRO"
RIO DE JANEIRO

Eduardo Araujo & C.

CASA FUNDADA EM 1880

COMMISSARIOS DE CAFÉ

Rua Municipal, 28

Endereço Teleg.: ZASS — RIO
CAIXA POSTAL 633
RIO DE JANEIRO

A "BIBLIOTHECA FILM"

que o publico tem recebido com lisongeira aceitação, recebe pedidos nos seus escriptorios, á

Avenida Rio Branco, 134, 2º.-Tel. Central 1099

para os numeros já publicados, que são;

- I Monsieur Beaucaire* com Rodolpho Valentino
- II—O Inferno de Dante* com os melhores artistas da Fox-Film
- III—O Beija-Flor* com Gloria Swanson
- IV—O Corcunda de Notre Dame de Paris* com Lon Chaney (*esgotado*)
- V—Fogo, Cinzas e Nada* com Ramon Novarro
- VI—Madeixas de Ouro* com Shirley Mason
- VII—O Capitão Blood* com Warren Kerrigan
- VIII—Os Dez Mandamentos*, a mais notavel super da Paramount
- IX—Ironia da Sorte* com Lon Chaney Norma Shearer e John Gilbert
- X—Os Lobos* Film super da Empreza de Films d'Arte Portugueza
- XI - Raffles*, com House Peters
- XII—Mulher Cubiçada*, com Seena Owen
- XIII—Madame Sans Gêne*, com Gloria Swanson
- XIV—A Unica Mulher*, com Norma Talmadge
- XV - As Pupilas do Sr. Reitor*, Super-Film Portuguez
- XVI—O Poder da Fé*, com Alma Rubens e Percy Marmont
- XVII-O Delirio do Luxo*, da First National

Preço de cada exemplar, 1\$000